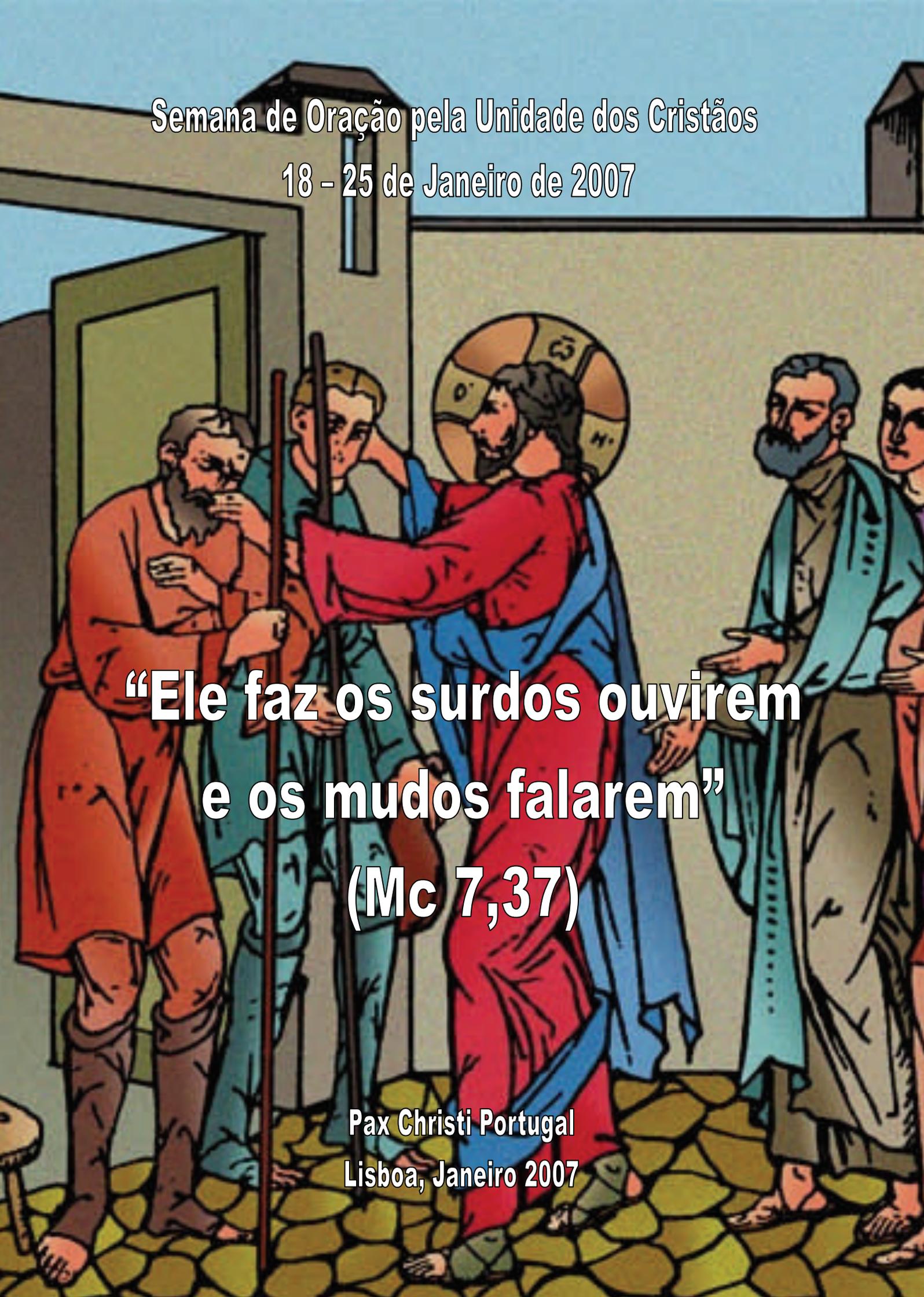


Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

18 - 25 de Janeiro de 2007



**“Ele faz os surdos ouvirem
e os mudos falarem”**

(Mc 7,37)

Pax Christi Portugal

Lisboa, Janeiro 2007



PAX CHRISTI

Um Movimento Católico Internacional ao Serviço da Paz

A Pax Christi é um Movimento Católico Internacional para a Paz, fundado em França em 1945 com o objectivo de encorajar a reconciliação e a paz no seio das nações feridas pela II Guerra Mundial. Com 95 organizações membro activas em todo o mundo, a Pax Christi trabalha, com todos os homens e mulheres de boa vontade, pela paz entre todos, testemunhando sempre a paz de Cristo. Através da oração, do estudo e da acção, a Pax Christi quer contribuir para “edificar um mundo verdadeiramente mais humano para todos” (*Gaudium et Spes* 77) e em todos os lugares, promovendo uma cultura de paz baseada na justiça, na reconciliação, no desenvolvimento e no respeito pela vida e pelos direitos de cada ser humano.

A Pax Christi tem estatuto consultivo nas Nações Unidas, na UNESCO e no Conselho da Europa. Em 1983 recebeu o Prémio Educação para a Paz da UNESCO e em 1987 o Prémio Mensageiro da Paz das Nações Unidas.

Pax Christi – Secção Portuguesa

Presidente:

D. Januário Torgal Ferreira

Vice-presidente:

Maria Margarida Saco

Secretário Geral:

Manuel Quintãos

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel.: 213 86 51 39

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt>

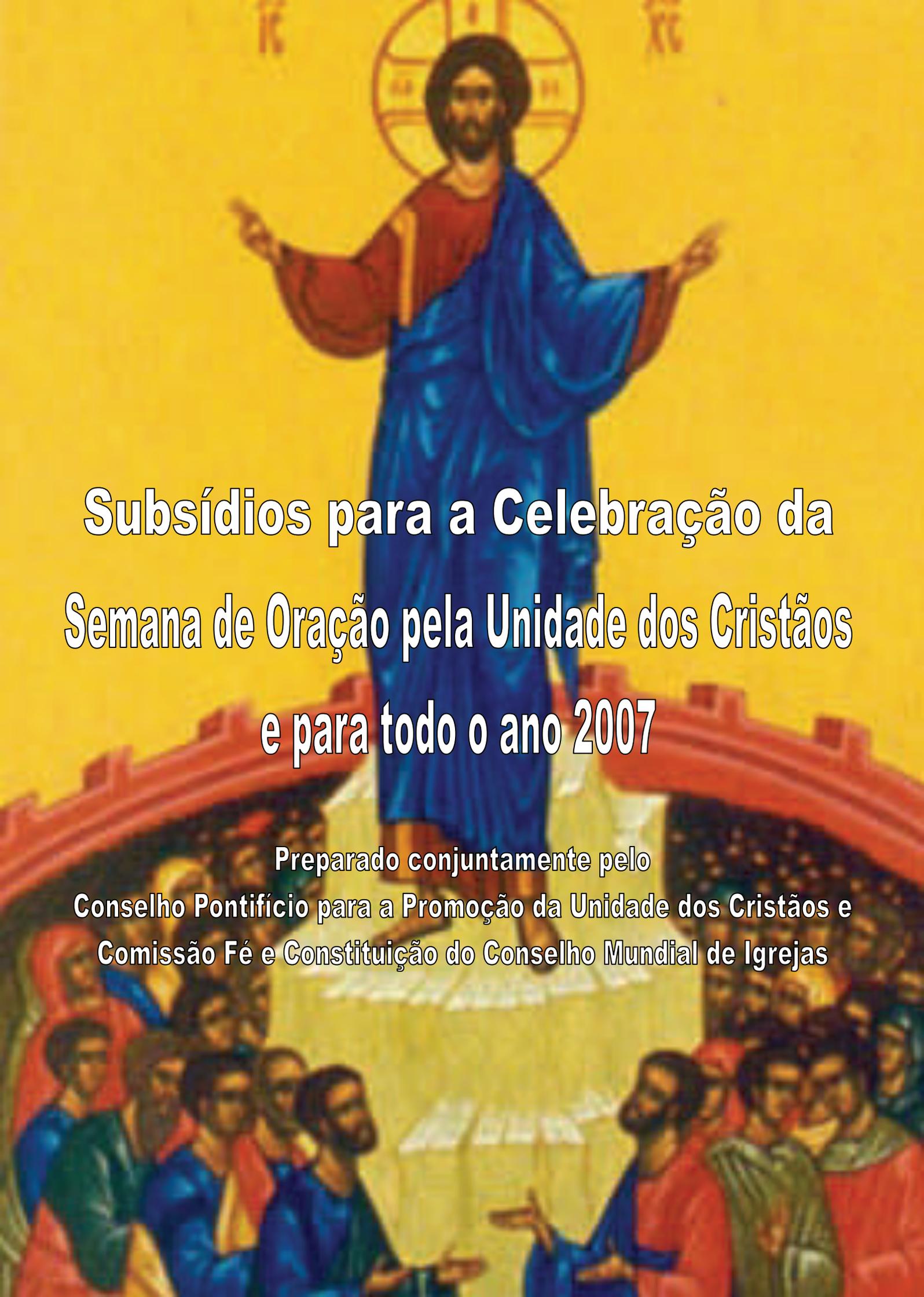
SUMÁRIO

SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS E PARA TODO O ANO 2007

APRESENTAÇÃO	5
TEXTO BÍBLICO	6
INTRODUÇÃO AO TEMA	7
PREPARAÇÃO DOS TEXTOS	10
CELEBRAÇÃO ECUMÉNICA	11
TEXTOS BÍBLICOS, REFLEXÕES E ORAÇÕES.....	15
ORAÇÃO SUPLEMENTAR.....	23
ALGUMAS DATAS IMPORTANTES	24

A UNIDADE DOS CRISTÃOS NOS DIAS DE HOJE

CRISTO, ÚNICO FUNDAMENTO DA IGREJA	27
O ECUMENISMO NOS DIAS DE HOJE: A SITUAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA.....	29
RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA NO CAMINHO ECUMÉNICO	32
A SITUAÇÃO ECUMÉNICA EM MUDANÇA	33
DECLARAÇÕES CONJUNTAS	35
Declaração conjunta do Papa Bento XVI e do Arcebispo de Canterbury, Rowan Williams	35
Declaração conjunta do Papa Bento XVI e do Patriarca Bartolomeu I.....	36
Declaração conjunta do Papa Bento XVI e de Sua Beatitude Christodoulos	37
3ª ASSEMBLEIA ECUMÉNICA EUROPEIA	39
Carta aos Cristãos da Europa	39
Temas de Estudo da 3AEE	40
O ECUMENISMO EM PORTUGAL.....	43
Portugal sem paixão ecuménica	43
Ecumenismo quotidiano na diocese do Porto	44
Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC)	45
Aliança Evangélica Portuguesa	50
Igrejas em Portugal: Alguns Links	51
SUGESTÕES DE ACTIVIDADES	52



**Subsídios para a Celebração da
Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos
e para todo o ano 2007**

Preparado conjuntamente pelo
Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos e
Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas

Apresentação

BUSCAR A UNIDADE DURANTE TODO O ANO

Tradicionalmente, a *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos* é celebrada de 18 a 25 de Janeiro. Estas datas foram propostas em 1908 por Paul Wattson abrangendo o período entre a festa de São Pedro e a de São Paulo. Esta escolha tem, portanto, um significado simbólico. No Hemisfério Sul, onde o mês de Janeiro é um período de férias de Verão, prefere-se adoptar uma outra data, por exemplo, nas proximidades da festa de Pentecostes (sugerida pelo movimento Fé e Constituição, em 1926) que representa também uma outra data simbólica para a unidade da Igreja.

Mantendo esta flexibilidade de espírito, encorajamos que considerem estes textos como um convite a encontrar outras ocasiões, no decorrer do ano, para exprimir o grau de comunhão que as igrejas já atingiram e para rezarem juntas em vista de se alcançar a plena unidade desejada por Cristo.

ADAPTAR OS TEXTOS

Estes textos são apenas uma proposta podendo-se adaptá-los às realidades dos diferentes lugares e países. Feito isto, é preciso ter em conta as práticas litúrgicas e devocionais locais bem como o contexto sócio-cultural. Uma tal adaptação deverá normalmente ser resultado de uma colaboração ecuménica.

Em muitos países, estas estruturas ecuménicas já existem e permitem este género de colaboração. Nós esperamos que a necessidade de adaptar a *Semana de Oração* à realidade local possa encorajar a criação destas mesmas estruturas onde elas ainda não existem.

UTILIZAR OS TEXTOS DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

- Para as Igrejas e Comunidades cristãs que celebram juntas a Semana de Oração numa única celebração, este pequeno livro propõe um modelo de Celebração ecuménica da Palavra de Deus.
- As Igrejas e Comunidades cristãs podem igualmente utilizar, nas suas celebrações, as orações e textos da Celebração ecuménica da Palavra de Deus, outros textos propostos para os oito dias e também escolher orações no apêndice desta brochura.
- As Igrejas e Comunidades cristãs que celebram a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, cada dia, podem encontrar sugestões nos textos propostos para os oito dias.
- As pessoas que optarem por estudos bíblicos sobre o tema 2007, podem igualmente basear-se nos textos e nas reflexões bíblicas propostas para os oito dias. Os comentários de cada dia podem ser concluídos por uma oração de intercessão.
- Para as pessoas que desejam orar, privadamente, os textos contidos nesta brochura podem alimentar as suas orações e recordar-lhes que estão em comunhão com todos aqueles que oram em todo o mundo por uma maior unidade visível da Igreja de Cristo.

Texto bíblico

(Marcos 7, 31-37)

Jesus saiu do território de Tiro e voltou para Sídon, em direcção ao mar da Galileia, atravessando o território da Decápole. Trazem-lhe um surdo, que falava com dificuldade, e suplicam-lhe que lhe imponha a mão. Tomando-o à parte, longe da multidão, Jesus pôs os dedos nos ouvidos dele, cuspiu e tocou-lhe a língua. A seguir, erguendo o olhar para o céu, suspirou. E disse-lhe: 'Effatá', isto é: 'Abre-te'. Logo se lhe abriram os ouvidos, a língua se lhe desatou e ele falava correctamente. Jesus recomendou-lhes que não falassem disso com ninguém: mas, quanto mais recomendava, tanto mais eles o proclamavam. Eles ficaram impressionados e diziam: Ele fez bem todas as coisas; faz os surdos ouvirem e os mudos falarem.

Introdução ao tema

Ele faz os surdos ouvirem e os mudos falarem (Mc 7, 37)

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano propõe-nos dois temas, dois convites dirigidos às Igrejas e aos cristãos: orar pela unidade dos cristãos e buscá-la juntos, e, também, unirmos as nossas forças para dar uma resposta aos sofrimentos humanos. Estas duas responsabilidades estão estritamente ligadas. Uma e outra ligam-se à cura do corpo de Cristo, é por isso que o texto principal escolhido para a Semana de Oração deste ano é uma história de cura.

Mc 7, 31-37 narra como Jesus curou um homem surdo e incapaz de falar. Jesus conduz o homem para longe da multidão a fim de estar sozinho com ele. Coloca os seus dedos nas orelhas do homem, cospe e toca a língua do homem, e “diz *‘Effatá’*, isto quer dizer: ‘Abre-te’” – uma fórmula, muitas vezes, utilizada na liturgia do baptismo. A boa nova proclamada aqui compreende muitas dimensões. Como em numerosas passagens do Evangelho, este relato de cura faz-nos compreender a resposta cheia da solicitude do Senhor para com os sofredores e os necessitados, e constitui um testemunho eloquente da misericórdia de Deus. Oferecendo a este homem o ouvir e o falar, Jesus manifesta o poder e o desejo de Deus de salvar o ser humano na sua totalidade, cumprindo a profecia de Isaías: *“Então, os olhos dos cegos verão e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então, o coxo saltará como um cervo e a boca do mudo gritará de alegria. Águas hão de jorrar no deserto, torrentes na estepe”* (35, 5-6). A cura do homem surdo permite-lhe entender a boa nova proclamada por Jesus Cristo. O facto de ele recuperar a palavra permite-lhe proclamar aos outros o que ele viu e ouviu. Estas diferentes perspectivas encontram-se na resposta daqueles que são testemunhas da cura e estão “muito impressionados”: “Ele faz os surdos ouvirem e os mudos falarem” (v. 37).

Como este homem, que foi curado por Jesus, todos aqueles que foram baptizados em Cristo tiveram os ouvidos abertos ao Evangelho. Na sua primeira Epístola, São João fala-nos da fraternidade daqueles que receberam esta boa nova: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram do Verbo da vida” (1,1). O Senhor desejava (Jo 17) que os seus discípulos, que tinham acolhido a sua mensagem, fossem um, unidos uns aos outros, numa unidade enraizada na sua comunhão com o Pai e o Espírito

Santo. Enquanto corpo de Cristo, a Igreja é chamada a ser una, a ser a comunidade que viu e entendeu as maravilhas que Deus fez, e que foi enviada para proclamá-las por todo o mundo. Enquanto corpo de Cristo, somos chamados a estar unidos no cumprimento da sua missão, a saber, especialmente, estar também ao serviço daqueles que sofrem e estão em necessidade. Como Deus ouviu os gritos e viu os sofrimentos do seu povo no Egipto (Cf. Ex 3, 7-9), como Jesus respondeu com solicitude àqueles que imploravam, a Igreja deve também escutar a voz de todos aqueles que sofrem, ela deve ser animada pela compaixão e dar a palavra àqueles que estão sem voz.

Retomando estes dois aspectos da vida e da missão da Igreja, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano deseja fazer ressaltar a ligação essencial existente entre, por um lado, a oração pela unidade dos cristãos e a sua busca concreta e, por outro, as iniciativas de apoio àqueles que estão na indigência e no sofrimento. O Espírito, que faz de nós irmãos e irmãs em Cristo, dá-nos também a força para irmos a todos os seres humanos que necessitam. É o mesmo Espírito que opera em todos os nossos esforços para manter visível a unidade dos cristãos e quem nos dá a força de agir apara renovar a face da terra. Cada vez que contribuimos para aliviar os sofrimentos dos nossos semelhantes, a nossa unidade torna-se mais visível; cada passo em direcção à unidade reforça o corpo de Cristo todo inteiro.

ORIGEM DOS TEXTOS DA SEMANA DE ORAÇÃO DESTE ANO: UMLAZI

O tema da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano chega da experiência das comunidades cristãs da região de Umlazi, próxima de Durban, na África do Sul. Cada ano, um primeiro projecto de textos para a Semana de Oração é preparado por um grupo local particular, depois é adaptado para uso internacional antes de ser distribuído para todo o mundo onde é finalmente adaptado para ser utilizado a nível local. Os textos deste ano reflectem as preocupações e a experiência de um povo atormentado por um imenso sofrimento.

Na origem, Umlazi era um *“township”* fundado durante o *“apartheid”* por uma população maioritariamente negra. O

racismo, o desemprego e a pobreza herdados desse regime continuam a representar um enorme desafio para os habitantes que não possuem escolas em número suficiente, nem centros médico-sociais e habitações adequadas. A pobreza e o ambiente de desemprego são as causas de uma alta percentagem de criminalidade e de mau comportamento nas famílias e nas comunidades. Porém, a maior dificuldade que se apresenta à população dos bairros de lata e dos *townships* é actualmente a da Sida. Estima-se que 50% dos habitantes de Umlazi estão contaminados pelo vírus HIV.

Quando, recentemente, os responsáveis de diversas comunidades cristãs de Umlazi se reuniram para reflectir sobre o que poderiam fazer juntos para enfrentar os desafios que esmagam a sua população, constataram que um dos factores agravantes da sua situação actual é a vergonha que impede as pessoas maltratadas, vítimas de violações ou contaminadas pela Sida, de falarem abertamente dos seus problemas. As convenções culturais locais afirmam que assuntos ligados à sexualidade são totalmente inconvenientes. Na língua zulu, a palavra *ubunqunu*, que significa literalmente “nudez”, indica que estes assuntos são tabus. Por conseguinte, são numerosos aqueles que hesitam em procurar a assistência de que poderiam beneficiar – frequentemente assegurada financeiramente pela colaboração ecuménica das Igrejas locais – a saber, a escuta e o acompanhamento pastoral, os cuidados ao domicílio, os centros municipais de assistência e de cuidados.

Considerando que as pessoas – e em particular os jovens – são clara ou silenciosamente encorajadas a guardar silêncio sobre os problemas que encontram, os responsáveis locais das Igrejas de Umlazi criaram um tempo de oração ecuménica tendo por tema central “romper o silêncio”. Durante esta celebração, os jovens de Umlazi são encorajados a falarem daquilo que é considerado “inominável” e a procurarem ajuda, tendo consciência que manter o silêncio poderia ser simplesmente sinónimo de morte.

As Igrejas fora da África do Sul e as outras numerosas regiões gravemente atingidas pela Sida são igualmente convidadas a romper o silêncio. Nenhuma guerra na história fez tantas vítimas como a Sida. Apesar de tantas organizações, de regiões e de Igrejas, terem tentado reagir face às devastações da epidemia da Sida em certas regiões do mundo, a mobilização não esteve à altura do desastre.

Em 1993, durante a 5ª Assembleia mundial de Fé e Constituição, o bispo Desmond Tutu lembrava que, no período do “apartheid”, os líderes das Igrejas tinham compreendido que “uma Igreja dividida estaria em situação de fraqueza face ao tão poderoso ‘apartheid’”. Hoje, está claro que a epidemia da Sida bem como outras ameaças à vida humana são catastróficas para uma Igreja dividida. Existe em Umlazi um único tribunal, um único hospital, uma única agência de correio, um único centro médico-social, um único centro comercial – e um único cemitério que recorda aos habitantes o desafio esgotante que lhes foi imposto. Nessa cidade,

as pessoas, quase todas cristãs, aderem às Escrituras que professam um único corpo, um único Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só baptismo, um só Deus e Pai de todos (cf. Ef 4,4-6). Porém, existem muitas Igrejas e elas não estão em plena comunhão e testemunham assim, uma cristandade dividida. Em Umlazi percebe-se um sentimento de impaciência e de frustração face às divisões recebidas como herança e advindas há muitos séculos de outros países.

Um dos membros do grupo preparatório teve a oportunidade de reencontrar o grupo internacional responsável pela preparação dos textos definitivos da Semana de Oração. Isto permitiu reflectir juntos na procura da plena unidade visível das Igrejas cristãs à luz da experiência dos cristãos de Umlazi e do seu convite a “romper o silêncio” que oprime e isola as pessoas nos seus sofrimentos. De comum acordo, escolheram Mc 7, 31-37 como texto bíblico central para a Semana de Oração e um quadro bíblico-teológico referindo-se à escuta, à palavra e ao silêncio, no qual se inserem, ao mesmo tempo, a busca da unidade e a busca de uma resposta aos sofrimentos humanos. Ficou decidido manter-se este duplo tema para a celebração ecuménica e as meditações dos oito dias. A intenção era, portanto, abordar estas duas realidades em cada texto: o sofrimento humano e a busca da unidade visível de todos os cristãos.

OS OITO DIAS

O livro do Génesis começa com as palavras de Deus sobre a criação. Rompendo o silêncio, a palavra de Deus brota do caos. É uma palavra eficaz que realiza o que diz, isto é, a vida. Deus fala e a criação aparece. Deus fala e os seres humanos tomam forma à sua imagem e semelhança. Deus fala na história e os seres humanos são convidados a entrar na sua aliança. Igualmente o Evangelho de João começa com a palavra de Deus anunciada no tempo e proclama o que está no coração da fé do Novo Testamento anunciando que “o Verbo se fez carne e habita entre nós” (Jo 1, 14). Jesus Cristo o Verbo encarnado, fala-nos do ser profundo de Deus. Durante o seu ministério, Jesus exprime-se de diversas maneiras, às vezes mesmo (como diante de Pôncio Pilatos) guardando silêncio. A palavra de Cristo é sempre uma palavra de misericórdia, uma palavra que convida todos os que a escutam a uma vida mais profunda, a uma vida em comunhão com Deus e com os outros. Esta boa notícia deve, portanto, ser proclamada em palavras e em acções por todos aqueles que foram baptizados em nome do Deus Trindade. É unicamente pela força do Espírito que os cristãos podem entender e responder ao chamamento de Deus.

Os três primeiros dias apresentam-nos este quadro trinitário. O primeiro dia convida-nos a reflectir sobre a palavra criadora que Deus pronuncia no início e que, ainda hoje, nos faz ouvir. No caos actual, todos aqueles que foram criados à imagem de Deus são chamados a dizer aos outros uma palavra eficaz e criadora. A meditação do segundo dia

faz-nos reflectir sobre o que significa ser discípulo de Cristo – o Verbo Encarnado – que fez ouvir os surdos e falar os mudos. O terceiro dia medita sobre a obra do Espírito Santo na vida dos cristãos, porque é ele que nos dá a força para proclamar a boa nova e sermos instrumentos da presença salvadora de Cristo, escutando e levando a palavra a todos aqueles que foram reduzidos ao silêncio ou que não puderam partilhar as suas experiências.

A relação intrínseca existente entre a promoção da unidade e a mobilização para minimizar os sofrimentos humanos aparece claramente na reflexão de Paulo sobre a Igreja enquanto corpo de Cristo. “Pois todos nós fomos baptizados num só Espírito, para formarmos um só corpo” (1 Cor 12, 13). Cristo uniu-nos. As nossas divisões entram e enfraquecem esta unidade, mas não a destroem. Isto porque todos nós pertencemos a Cristo, cada parte do corpo necessita da outra e deve zelar pela outra. “Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento” (v.26). O quarto dia conduz-nos a um questionamento sobre o que significa ser uma comunidade unida em Cristo, uma comunidade plenamente solidária com os seus membros que sofrem.

O quinto e o sexto dias desenvolvem mais explicitamente o tema apresentado pelas Igrejas de Umlazi: romper o silêncio opressivo. Aqueles que sofrem fazem-no, às vezes, em silêncio, as suas esperanças de compaixão e de justiça permanecem ignoradas. Em certos momentos da história, os cristãos e as Igrejas cristãs guardaram silêncio quando deveriam ter falado, ou não permitiram, àqueles que não tinham voz, expressarem-se. Às vezes, as divisões entre as Igrejas impediram-nos de escutar a dor dos outros ou sufocaram a nossa resposta, tornaram-na conflituosa, ineficaz ou incapaz de consolação (5º dia). É um pecado, particularmente porque foi confiado à Igreja o falar, proclamar uma mensagem, realizar uma missão que não se tratava de uma mensagem de desunião, uma missão contraditória. Vivificada pelo Espírito Santo, a nossa palavra deve ser unânime e coerente, deve ser a boa nova que nos foi oferecida por e em Cristo. Graças a ele, tivemos a possibilidade de quebrar o silêncio. Em Cristo, nós somos a comunidade chamada a dizer “Abre-te ‘effatá’” aos mudos e aos surdos. O caminho para a fidelidade e a integridade exige dos cristãos que eles procurem sem descanso e rezem pela unidade, por aqueles por quem Cristo rezou aos quais, malgrado as nossas divisões, aprendemos a falar a uma só voz e a ir ao encontro do outro como um só corpo com solicitude, dando vida à boa nova que proclamamos (6º dia).

A morte e a ressurreição salvadoras de Cristo são o coração da palavra que Deus oferece à humanidade. O 7º dia propõe reflectir sobre a cruz de Cristo, à luz da experiência do sofrimento e da morte em Umlazi, bem como noutras regiões. Vivendo no vale da morte, lá onde os sofrimentos ultrapassam todas as medidas, entre os cemitérios, onde os defuntos são frequentemente enterrados uns sobre os outros, os habitantes de Umlazi conhecem e compreendem

a desolação da cruz de Cristo. Na fé, eles sabem também que Cristo não se distanciou do fardo dos sofrimentos humanos e que quanto mais nos aproximarmos da sua cruz, mais nos aproximaremos uns dos outros. Destes mesmos cemitérios eleva-se uma proclamação da ressurreição, particularmente gritante, quando, nas primeiras horas da manhã de Páscoa, os cristãos se reúnem entre os túmulos daqueles que lhes eram queridos, com velas acesas nas mãos para proclamar que Cristo ressuscitou da morte e que nele, a morte foi vencida (8º dia). No meio do sofrimento da morte, da divisão e da adversidade, o mistério pascal semeia grãos que fazem germinar a esperança que um dia cessará o silêncio esmagador, que as línguas estarão unidas para professar que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Fil 2,11).

CONCLUSÃO

O texto central da *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos* deste ano, Mc 7,31-37, indica que Cristo elevou o seu olhar ao céu e *suspirou* antes de curar o homem. Na sua Epístola aos Romanos, São Paulo escreve que o Espírito Santo acompanha as nossas orações “com gemidos inexprimíveis”. Esta frase expressa perfeitamente o desejo de que o Espírito cultive nos nossos corações e nos nossos espíritos o empenho pela unidade plena e visível entre todas as Igrejas cristãs, o desejo que põe fim aos sofrimentos humanos.

No esquema de celebração ecuménica e em cada um dos oito dias, adoptamos como princípio a incorporação de referências explícitas, quanto à necessidade de continuar a trabalhar e rezar pela unidade das nossas Igrejas, com as vozes dos habitantes de Umlazi e de outras regiões que gritam ao céu.

Esperamos que a Semana de Oração deste ano ajude a romper este silêncio opressivo e chame a atenção sobre a ligação intrínseca que existe, por um lado, entre oração e busca da unidade dos cristãos e, por outro, o apelo dos cristãos e das Igrejas a trabalhar juntas enquanto instrumentos da compaixão divina e da justiça no mundo.

Preparação dos Textos para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2007

Os textos aqui apresentados chegaram à sua elaboração definitiva num encontro do grupo preparatório internacional nomeado pela Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas e pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. O grupo reuniu-se no Castelo de Faverges, em Haute-Savoie (França). Agradecemos a todo o pessoal daquela instituição pela hospitalidade e a disponibilidade com que apoiaram o nosso trabalho.

O projecto inicial destes textos foi preparado por um grupo ecuménico composto por padres, pastores e pessoas leigas de Umlazi-Bhekithemba (África do Sul). Tem por base uma celebração ecuménica realizada na Comprehensive Technical High School (COMTEC) de Umlazi. A partir desta celebração (organizada a convite da escola), os padres, os pastores e os leigos provenientes de diversas tradições eclesiais encontraram-se a fim de tornar visível a sua unidade em Cristo e de oferecer um testemunho comum face aos desafios que os alunos e o conjunto da sociedade Sul-africana devem enfrentar hoje. O grupo local forneceu igualmente uma lista de textos bíblicos que poderão ser utilizados durante toda a Semana.

O grupo preparatório internacional agradece ao grupo local da África do Sul composto pelas seguintes pessoas:

Cónego L. L. Ngewu

Rev. S. Mosia

Rev. Pe. Thamisanqua Shange, OGS

Sr. W. L. Luthuli

Rev. Bruce Buthelezi

Sr. R. Mauze

B. Buthelezi

Projecto Zamimpilo VIH/SIDA [enfermeiros especializados]
(St Philip, Enwabi)

Rev. Pe. AntonMbili

Sra G. Phungula

Os membros do grupo internacional agradecem ao Padre Thami Shange, OGS por ter participado na sua reunião de trabalho e de apresentar nesta ocasião o material preparatório e o método de trabalho seguido. Essa troca permitiu tornar estes textos mais concretos e mais presentes à situação local da África do Sul. Desejamos agradecer igualmente ao Bispo David Beetge da Diocese de Highveld, Brakpan e ao Cónego Livingstone Ngewu, Colégio da Transfiguração, Grahamstown, África do Sul, que contactaram com os membros do grupo e serviram de intermediários durante a elaboração dos textos.



Celebração ecuménica

Ele faz os surdos ouvirem e os mudos falarem (Mc 7, 37)

INTRODUÇÃO

O esquema de celebração aqui proposto é uma adaptação do que foi preparado pelas Igrejas locais de Umlazi (África do Sul) e que se dirige particularmente aos jovens. Começa com um convite ao silêncio, não um silêncio que oprime, mas que nos permite escutar, no recolhimento, a voz de Deus e a dor do mundo e da humanidade. A liturgia da palavra evoca os temas principais que são desenvolvidos na “Introdução ao tema”, e levam à meditação de São Paulo sobre o corpo de Cristo na 1ª Epístola aos Coríntios capítulo 12 e sobre a cura evocada em Mc 7, 31-37. Este esquema, que reflecte um certo estilo de oração da África do Sul, oferece a possibilidade de inserir durante a celebração gestos simbólicos, testemunhos e orações pedindo a cura para permitir às pessoas da comunidade local, cuja voz não é ouvida, ou que sofrem, unirem-se à oração da assembleia. As intercessões inscrevem-se num quadro trinitário reagrupando orações pela unidade dos cristãos e por todos aqueles que, a nível local, mas também espalhados por todo o mundo, estão em situações de grandes necessidades.

DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Presidente: **P**

Leitor: **L**

Assembleia: **A**

Acolhimento e Apresentação da Celebração

P. Queridos amigos em Cristo, eis-nos aqui reunidos, membros de um mesmo Corpo, para escutar o que Deus nos quer dizer tanto através da sua Palavra como através de irmãos e irmãs nossos silenciosos nos seus sofrimentos.

Este ano, são os cristãos da África do Sul que, a partir da sua situação local, particularmente crítica, sentiram a urgência de nos chamar a romper, em nome de Cristo, todas as formas de silêncio cúmplice, diante das pessoas acobardadas pelos sofrimentos.

Esta palavra não será tanto mais poderosa e profética pelo facto dela vir de cristãos de diversas confissões, falando e agindo juntos?

Cristãos de diversas Igrejas, aqui reunidos para esta celebração, escutemos o chamamento do Senhor para:

- tomarmos consciência dos nossos silêncios cúmplices diante de sofrimentos gritantes e arrependemo-nos;
- orarmos pedindo a bênção de Deus sobre todos e em particular sobre aqueles e aquelas que participam no sofrimento salvífico de Cristo;
- reagirmos elevando a voz por e com os sem voz, para que cresça o nosso testemunho comum do Cristo que “fez escutar os surdos e falar os mudos”.

Hino/Canto

Desde o início do hino ou do canto, executado à maneira de Taizé ou de Iona, é aconselhado, para fazer a assembleia entrar no tempo de silêncio seguinte, trazer, por exemplo, uma grande cruz e colocá-la no chão. Quatro jovens trazem esta cruz e colocam-se em redor dela orando em silêncio. O canto termina para dar lugar às palavras de introdução ao silêncio. É possível também conduzir a assembleia ao silêncio por uma improvisação através do órgão.

Introdução ao silêncio

P. Façamos silêncio diante de Deus... façamos silêncio em nós mesmos... abrindo os nossos corações ao silêncio dos nossos irmãos e irmãs que vivem no sofrimento: “Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento” (1 Cor 12, 26).

Que este silêncio de comunhão com aqueles e aquelas, dos quais não ouvimos a voz – seja porque se calam, seja porque os fazem silenciar – abra os nossos ouvidos. Não permaneçamos surdos. Escutemos o apelo de Cristo. Ele ensina-nos a deixarmo-nos tocar, como Ele, pelo sofrimento do outro. Remete-nos à nossa responsabilidade comum de cristãos de todas as denominações diante desses sofrimentos.

Três minutos de silêncio

Hino/Canto

O mesmo canto que introduziu o silêncio é retomado, cada vez mais forte, entoado pelo solista, seguido por toda a assembleia.

Oração

P. Ó Deus, Tu que reinas em esplendor divino, rompeste o silêncio através da Tua Palavra, Jesus Cristo, gerado do seio do teu silêncio e escondido do príncipe deste mundo.

Abre os nossos olhos para que possamos ver Jesus, luz que dissipa as nossas trevas.

Abre os nossos ouvidos para que possamos entender, ouvir as vozes envolvidas no silêncio de milhões daqueles e daquelas cuja voz é abafada pelas provações e pelos sofrimentos deste mundo efêmero.

Abre os nossos corações para que saibamos compreender as pessoas que sofrem entre nós, tal como a mulher de Betânia que espalhou perfume sobre a cabeça de Jesus, ou como Simão de Cirene que sem protestar levou a cruz de Teu Filho, reduzido ao silêncio por aqueles que o perseguiram.

Aqui reunidos, nós rompemos o silêncio com as palavras da oração que Jesus nos ensinou:

A. Pai Nosso (*cada um na sua própria língua*)

A Palavra de Deus

1 Samuel 1,1-18. Ana, o excesso de aflição.

(*lido por quatro pessoas: narrador, Elcaná, Ana e Elias*).

Salmo 28,1-2; 6-9. Senhor, meu rochedo, não fiques surdo...

(*lido por uma pessoa jovem*)

1 Coríntios 12,12-29. Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento.

Marcos 7,31-37. Cristo fez os surdos escutarem e os mudos falarem.

(*algumas crianças e jovens presentes podem encenar Mc 7, 31-37. Esta cena da cura pode ser feita através de uma dança*).

Pregação

Confissão de fé

Símbolo Niceno-Constantinopolitano ou uma fórmula de confissão de fé em uso.

Confissão dos pecados – Perdão – Saudação de paz

P. Deus está sempre mais disposto a perdoar os nossos pecados do que nós a confessá-los.

Apresentemo-nos, portanto, diante de Deus para confessar-lhe o peso dos nossos pecados: não prometeu Jesus o seu repouso àqueles que sofrem sob o peso do fardo?

Confiemos também ao Senhor o nosso sofrimento por vermos a falta das Igrejas, ainda insuficientemente unidas para ajudar os fracos, os pequenos e os sem voz, tão queridos ao coração de Jesus seu Filho:

“Porque eu tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber; eu era estrangeiro e me acolheste; estava nu e me vestiste; doente e me visitaste; na prisão e vieste a mim” (Mt 25, 35–36)

Algumas pessoas podem trazer, sucessivamente, alguns objectos, imagens, desenhos ou fotografias evocando situações em que membros de comunidades cristãs locais permaneceram calados, na indiferença ou não conseguiram falar a uma só voz e agir juntas, por exemplo, nos casos de mulheres vítimas de violência, crianças maltratadas, órfãos da Sida, etc. (Como salientou no seu próprio contexto o grupo ecuménico da África do Sul que propôs o tema da oração deste ano).

- *Cada pessoa aproxima-se em silêncio e deposita, sucessivamente, diante da assembleia (ou ao pé da cruz trazida precedentemente) os objectos, (as imagens ou as fotografias).*
- *Interrompendo o longo tempo de silêncio, uma dessas pessoas partilha em voz alta uma situação de sofrimento causada pelo pecado.*
- *Depois uma outra pessoa diz em voz alta: “Senhor, nós não te vimos no sofrimento dos nossos irmãos e das nossas irmãs”.*

Tempo de silêncio suficiente entre cada grupo

P. Deus de misericórdia, em Teu Filho ofereces-Te-nos o perdão sem condições para os pecados que nós confessamos com sinceridade. Concede-nos o Teu perdão para os pecados que confessamos, bem como para aqueles que não temos a coragem de reconhecer:

Quando, por actos, nos afastamos da Tua vontade;

Quando, desinteressando-nos pelos outros, nós levamos a perderem a esperança;

Quando, por indiferença em relação à Tua lei e por fraqueza, nós não respondemos ao que Tu esperas de cada um de nós pessoalmente e das nossas comunidades.

Nós Te pedimos, Senhor, vem, na Tua misericórdia, ao nosso encontro para curar as nossas vidas feridas e apressar a hora da plena comunhão entre nós, em nome do amor de Jesus Cristo.

Ámen.

P. “Mas se algum de vós cair em pecado, temos quem nos defenda junto do Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 Jo 2, 1) e “Digo-vos, meus filhos, que os vossos pecados estão perdoados graças à pessoa de Jesus.” (1 Jo 2,12).

P. Nós, que acabámos de abrir os nossos corações ao perdão dos nossos pecados, o que nos dá a paz, demo-nos, pois, uns aos outros a paz de Cristo.

P. A paz de Cristo esteja sempre convosco.

A. E contigo também.

Música enquanto os membros da assembleia se cumprimentam mutuamente com o sinal da paz.

Intercessão

P. Deus da graça, nosso criador, Deus de misericórdia, nosso redentor, Deus compassivo, nosso socorro, Tu que sabes do que necessitamos antes mesmo que o peçamos,

nós Te louvamos pela Tua criação, pela redenção e pela Tua incessante compaixão para conosco.

Cura-nos a nós mesmos, cura as nossas Igrejas da sua surdez, para que juntos nós ouçamos mais claramente o som da Tua voz no silêncio dos pobres e dos sofredores.

Pedimos-Te pela Tua, ainda dividida, Igreja espalhada por todo o mundo com a missão de anunciar Cristo, Luz das nações.

Desperta em nós o desejo de trabalharmos incessantemente pela unidade dos cristãos que Te é querida, e que nada venha abafar a nossa procura da unidade pela qual Jesus orou.

Tal como Ele não se considerou igual a Deus, o Pai, mas negou a sua condição divina, torna-nos capazes de não nos apegarmos ao que possa impedir-nos de continuar a nossa comum peregrinação rumo à plena comunhão.

L 1. Deus nosso criador, no Teu imenso amor criaste-nos para Ti, e o nosso coração não descansará enquanto em Ti não repousar.

A. *Dá-nos a segurança de que nada nos separará do Teu amor.*

L 2. Deus nosso pastor, chamaste-nos das trevas à Tua admirável luz. Faz-nos brilhar como filhos da luz.

A. *Brilha, ó Senhor, brilha nas nossas vidas!*

L 3. Deus nosso Pai, tomas infinitamente conta de cada um de nós, torna-nos atentos às necessidades dos outros.

A. *Ensina-nos, na Tua bondade, a receber os outros nos nossos braços como Tu mesmo nos recebeste em Jesus Cristo e fortalece o nosso testemunho comum de cristãos em favor da justiça, da caridade fraterna e do perdão.*

L 4. Jesus, Palavra do Pai, empenhaste-Te em quebrar todas as formas de silêncio culposo.

A. *Dá-nos a coragem de ajudar todos aqueles e aquelas que, nas nossas comunidades aqui reunidas, fazem ouvir, em Teu nome, a voz dos sem voz. Que um real ecumenismo alivie o desespero e a solidão lá onde impera a morte precoce.*

L 5. Jesus, amigo dos pobres e dos estrangeiros, estendes-te a mão atraindo para a Tua graça e salvação todos aqueles que estavam distantes.

A. *Que todos quantos se sentem estrangeiros possam encontrar consolação e sentir a Tua força nas nossas comunidades de fé.*

L 6. Jesus, enviado do Pai, chamaste os Teus discípulos a serem, unidos, mensageiros do Evangelho e instrumentos de transformação neste mundo.

A. *Ajuda-nos para que a perspectiva de um mundo transformado preencha a imaginação de todos os crentes.*

L 7. Espírito Santo, que és Vida, faz-nos viver continuamente na Tua força vivificante.

A. *Pela Tua presença entre nós, dá força àqueles que a não têm e ajuda-nos a dar a palavra àqueles que dela estão privados.*

L 8. Espírito Santo, Tu que és o vínculo de unidade, dá aos dirigentes das nossas comunidades de fé um zelo inabalável, nos seus esforços pela construção da unidade.

A. *Escuta as nossas orações e abre novos caminhos de unidade à tua Igreja.*

L 9. Espírito Santo, Tu que nos conduzes à verdade total e endireitas o que está desviado, inspira todos aqueles e aquelas que exercem funções de governação.

A. *Dá-lhes uma vontade firme para cuidar, como prioridade, das necessidades dos pobres, dos pequenos e dos fracos sem voz; protege-os de toda tentação, a fim de que a sua integridade moral seja preservada de toda a corrupção.*

L 10. Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Tu que és Um em três pessoas.

A. *Permanece conosco e ajuda-nos a deitar abaixo as paredes que nos separam. Reúne-nos em Cristo por meio do Teu Espírito.*

P. Deus de amor, Tu que tudo vês e cuja bondade tudo supera; Tu que quebrando o silêncio Te aproximavas de nós antes de nós nos aproximarmos de Ti, demonstrando assim o Teu amor por nós, em Jesus Cristo, teu único Filho, nascido da Virgem Maria. A Ti elevamos as nossas orações. Permanece, Senhor, com toda a humanidade! Dirige o Teu olhar benevolente sobre as nossas Igrejas, que chamas a manifestar juntas, no seu dia a dia, o amor misericordioso e compassivo de teu Filho Jesus Cristo, Deus conosco pelos séculos dos séculos.

A. *Ámen*

Canto

Escolher de preferência o Magnificat ou o canto das bem-aventuranças em razão do tema: Deus exalta e cumula de bênçãos os humildes e os sem voz.

Tempo de partilha, de bênçãos e de consolação

Podem acontecer, neste momento, testemunhos de pessoas ou de grupos, particularmente ecuménicos, engajados em acções de solidariedade tais como a luta contra a epidemia da Sida, a violência às mulheres e às crianças, a má-nutrição, etc.

P. “Saibam que todas as vezes que fizeram isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram.” (Mt 25, 40).

“Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso” (Mt 11, 28).

Queridos amigos, estas palavras de Cristo dirigem-se a cada de nós. Com efeito, no coração dos nossos compromissos, inclusive dos compromissos ecuménicos, assim como no sofrimento da doença, da solidão e do desânimo

de muitos dentre nós, Cristo faz-Se próximo. Sustenta-nos na fraqueza. Ele é para nós consolação e bênção.

Os representantes ou ministros das Igrejas presentes aproximam-se da assembleia para a oração e o gesto de bênção.

Bendito sejas Senhor nosso Deus pelo amor que nos manifestaste, em Jesus Cristo, nosso Senhor. Nele que nos amou, somos mais que vencedores do desespero, do egoísmo, da perseguição, da fome, da miséria, do perigo, da espada.

No silêncio da desesperança e da solidão, da doença e da morte, cumula-nos das riquezas da Tua bênção, para que mais firme seja a nossa fidelidade a Te servir através dos nossos irmãos e nossas irmãs; e mais profunda seja a nossa alegria de cumprir a Tua vontade.

Nós Te bendizemos e Te glorificamos, porque tu escutas o silêncio dos nossos corações; Tu agiste em nós com força curando-nos e levando-nos a falar em nome de Jesus, Teu Filho.

Envia-nos ao mundo para realizar a Tua obra e para derrubar os muros do silêncio que separam os grupos humanos.

Possamos nós ser Tuas testemunhas, nosso único Salvador, sendo cada dia mais unidos “numa só fé e num só baptismo”.

Possamos nós crescer na graça e na paz de Deus que ultrapassa todo o entendimento, a fim de que o Teu nome seja glorificado. Ámen.

Bênção final

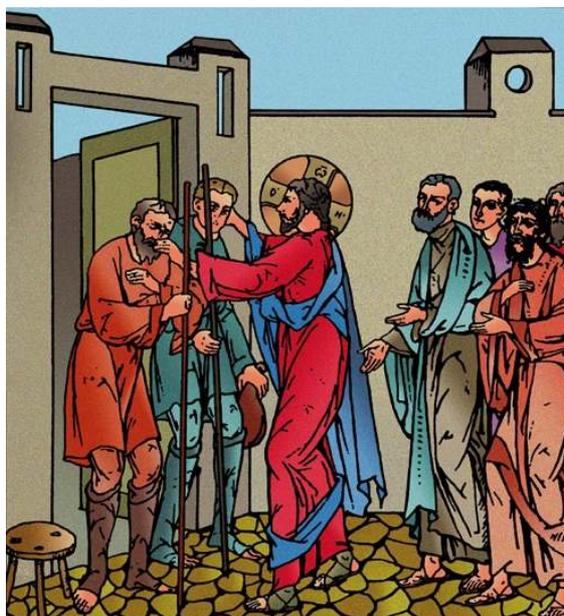
P. A graça de Jesus Cristo nosso Senhor, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam sempre convosco.

A. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Palavras, gestos de envio e colecta

Em sinal da bênção de Deus, da alegria da sua palavra e da sua presença, sugere-se que cada participante receba, no momento da dispersão da assembleia, um pouco de perfume nas mãos para transmiti-lo a outras pessoas – tradição das Igrejas Ortodoxas.

(O momento das ofertas pode ser feito também no início da celebração. Elas serão destinadas a uma acção destinada a responder concretamente às necessidades daqueles e daquelas que estão reduzidos ao silêncio.)



TEXTOS BÍBLICOS, REFLEXÕES E ORAÇÕES

Primeiro Dia No início era a Palavra “E Deus disse...” (Gn 1)

Gn 1,2-2,4: Pela sua palavra, Deus criou o universo

Sl 104,1-9: O Senhor ordena toda a criação

Ap 21,1-5a: Deus faz novas todas as coisas

Jo 1,1-5: No início era a Palavra

COMENTÁRIO

No início era a Palavra... Neste primeiro dia da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, queremos contemplar a obra do Criador. No silêncio dos abismos – diz-nos o livro do Génesis – Deus criou o mundo pela sua Palavra. “E Deus disse...”. No início dos inícios, quando tudo era caos e confusão, a Palavra de Deus vem romper o silêncio para designar a cada criatura o seu justo lugar. No ápice da criação, está uma humanidade una que Deus criou, à imagem da sua unicidade.

O grupo que preparou o projecto desta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é originário da África do Sul. Os seus membros relataram o quanto a epidemia da Sida podia lançar vidas humanas no desespero. Muito frequentemente, nós também temos a impressão de que o nosso mundo é caótico: quando os elementos naturais vêm devorar tudo, quando a guerra nos mergulha no pavor, quando a doença ou o luto nos fazem sucumbir num grande abismo...

“E Deus disse...”. Diante de tantos sofrimentos, todos os cristãos acreditam que a obra do Criador continua hoje. A despeito das suas divisões, é a mesma esperança que habita o coração de todos os discípulos de Cristo: a Palavra de Deus continua a criar o mundo hoje, arrancando-o do nada e do absurdo, mantendo a humanidade na unidade. Mais do que nunca, os cristãos de todas as confissões necessitam de ouvir esta promessa: *eis que faço novas todas as coisas, não haverá mais luto, nem sofrimento.*

O caos no qual vivemos pode ser paralisante. Portanto, homens e mulheres da nossa terra não se querem resignar no desânimo. É assim que, na África do Sul, um grupo de mulheres (*Kopanang*), que têm um membro da família infectado com Sida, juntam-se para tecerem magníficos tecidos. As suas criações permitem-lhes sustentar as suas famílias. Nós também, criados à imagem de Deus, podemos – ao nosso modo – fazer surgir a bondade lá onde reina o caos.

ORAÇÃO

Deus nosso Criador, nós contemplamos o esplendor da tua criação. A tua palavra criou o universo. Nós te suplicamos, quando a nossa vida se desmorona, renova as tuas maravilhas. Não obstante o escândalo das nossas divisões, queremos implorar-te a uma só voz: que a tua Palavra não cesse de fazer novas todas as coisas no coração das nossas vidas feridas. Dá-nos a coragem de sermos, nós também, artesãos da criação. Faz com que a unidade que procuramos, para as nossas Igrejas, esteja verdadeiramente ao serviço da família humana. Nós te pedimos. *Ámen*

Segundo Dia

A palavra de Cristo salva-nos

“Ele faz os surdos ouvirem e os mudos falarem” (Mc 7,31-37)

Is 50,4-5: O Senhor deu-me uma língua... para que eu saiba acudir ao enfraquecido

Sl 34 (33),1-16: Bendirei o Senhor em todo tempo

Col 1,11-20: Jesus é a imagem do Deus invisível

Mc 7,31-37: Jesus faz os surdos escutarem e os mudos falarem

COMENTÁRIO

Isaías calcula o preço do dom recebido do Senhor Deus. Ele recebeu o poder de uma palavra que pode ajudar os enfraquecidos e aqueles que têm o coração ferido. Por isso, necessita de ouvidos para ouvir e aprender como um discípulo. Pois o Senhor Deus chama, e não pode voltar atrás.

Segundo São Paulo, a Palavra definitiva foi pronunciada por Jesus Cristo. Ele apresenta-nos a humanidade na unidade das suas relações com o Filho de Deus, imagem do Deus invisível, à semelhança da qual fomos criados. Deus arrancou-nos do poder das trevas e fez-nos alcançar o reino do seu Filho de quem recebemos a libertação e o perdão dos pecados. Nós somos um pelo nosso baptismo em Cristo, porque estamos unidos a ele e Jesus reconcilia todas as coisas com Deus. Pelo sangue da sua cruz, temos acesso à paz eterna.

A passagem do Evangelho mostra como o poder de Jesus permite ao surdo ouvir a sua palavra salvadora e proclamá-la aos outros. Curiosamente, Jesus recomenda à multidão não falar a ninguém. Porém, como toda a boa nova, ela não pode ser guardada para si. Aqueles que estavam presentes tornaram-se testemunhas da força salvadora do Messias de Deus. Não somente a pessoa que foi curada proclama a bondade do Senhor, mas também todos aqueles que foram testemunhas desse milagre.

No contexto da África do Sul, como no Evangelho, toda a pessoa tocada pelo Senhor torna-se livre para falar da sua condição. Por outro lado, isso permite à Igreja ajudá-la e

encoraja também outras pessoas a fazerem o mesmo. Isto leva desatar muitas línguas e a abrir muitos ouvidos. Muitas pessoas que sofrem da conspiração do silêncio envolvendo assuntos como a violência para com as mulheres e as crianças, os crimes no seio da sociedade e a Sida, são encorajadas a romper o silêncio. Isso leva outras pessoas a ajudarem aqueles que estão em grandes necessidades. Assim, vemos como Deus continua a abrir os ouvidos e a desatar as línguas para ouvirem e depois proclamarem a palavra salvadora de Cristo. A nossa fé comum, celebrada no baptismo, torna-nos capazes de, juntos, proclamar a compaixão de Cristo. Apesar do sofrimento, aproximando-nos sempre mais de Cristo, tornamo-nos UM, porque cremos que tudo foi reconciliado e reunido em Cristo. Isto está ancorado no reconhecimento de um único baptismo e no dever que resulta de glorificar a Deus e a sua obra.

ORAÇÃO

Deus de compaixão, em Jesus tu pronunciaste a Palavra que nos salva. Por sua intercessão, nós te pedimos que os nossos ouvidos estejam abertos aos gritos dos que são vítimas da conspiração do silêncio. Que Ele liberte as nossas línguas a fim de que, juntos, possamos proclamar aos que sofrem, em silêncio, o poder do seu amor que cura todos. Fortalece-nos, pela graça do nosso baptismo comum, a fim de que a unidade que temos, em Cristo, seja força para levarmos a esperança a todos os que estão desesperados; que juntos proclamemos a nossa libertação em Cristo, nosso Senhor. Amén.

Terceiro Dia

O Espírito Santo dá-nos a Palavra

“O Espírito da verdade, que procede do Pai, ele próprio dará testemunho de mim” (Jo 15, 26)

Jl 3,1-2: Eu derramarei o meu Espírito sobre toda carne

Sl 104 (103): Tu renovas a face da terra

1Cor 12,1-4, 12-13: Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” se não pelo Espírito Santo

Jo 15,26-27; 16,12-13: O Espírito da verdade dará testemunho de mim

COMENTÁRIO

Nós somos um no Espírito. Todos fomos alimentados pelo mesmo Espírito. Não foi num só Espírito que todos nós fomos batizados num só corpo? É o Espírito Santo que fala e que nos dá a energia vital, a força interior para falar, para anunciar e proclamar juntos a Boa Nova do Reino de Deus.

Desejamos viver a vida do Espírito, como comunidade peregrina em direcção à unidade. Se vivemos segundo o Espírito, desejamos aquilo que é do Espírito. E o desejo do Espírito, é a vida e a paz.

O Espírito Santo faz-nos agir. Nós desejamos romper as diferentes formas de silêncio que nos entravam e nos paralisam: as situações caóticas, as rupturas humanas, tudo aquilo que fere a dignidade das pessoas e dos povos. Como libertar a palavra? Onde encontrar a força de semear uma palavra de vida, de esperança, de abertura? Como nos libertarmos de tudo isto que nos isola e nos imobiliza?

O Espírito que foi derramado sobre toda a carne impulsiona-nos a profetizar. É o Espírito que nos recria renovando a face da terra. É o Espírito que nos faz anunciar “Jesus é o Senhor”. É o Espírito que dá testemunho do Senhor e que nos torna capazes de nos tornarmos testemunhas cheias de coragem. É o Espírito que Deus envia aos nossos corações, que nos faz proclamar “Abba, Pai” e nos faz assim tomar consciência da nossa identidade profunda: nós não somos mais escravos, mas filhos e filhas de Deus.

Quando as crianças e os jovens da Escola secundária COMTEC de Umlazi (África do Sul) se reúnem para uma celebração ecuménica (cf. Introdução ao tema), quando invocam, juntos, o Espírito Santo, uma nova esperança nasce para o mundo inteiro. É o Espírito que impulsiona estes jovens a não afogar no silêncio e no desespero as suas grandes dificuldades – vida familiar, desemprego, criminalidade, doença. Eles louvam Cristo e seguem-no. Eles comprometem-se com generosidade no serviço dos seus irmãos e irmãs. Eles são portadores da alegria, da paz, da unidade no Espírito. Na nossa caminhada ecuménica, estes jovens de Umlazi são sinais de esperança e de unidade no Espírito Santo.

ORAÇÃO

Vem Santo Espírito! Dá-nos discernir na nossa peregrinação em direcção à unidade, o Dom da tua presença. Dá-nos a força interior para nos tornarmos instrumentos de alegria e de esperança no mundo. Que o teu sopro nos torne unidos. Que a tua voz nos dê a palavra oportuna para confessar, juntos, nosso Deus e Senhor, e para romper o silêncio que destrói. Espírito de vida e de amor, renova-nos na unidade. Amén.

Quarto Dia

O silêncio dos esquecidos e os gritos daqueles que sofrem

“Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento” (1 Cor 12, 26)

Ex 3,7-10: Deus ouviu o grito dos oprimidos

Sl 28 (27),1-8: Senhor, não permaneça mudo

1 Co 12,19-26: Muitos membros, mas um só corpo em Cristo

Mc 15,33-41: Jesus grita com uma voz forte: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?

COMENTÁRIO

O mundo no qual vivemos é um mundo muito sofrido. Quase todos os dias, a televisão mostra-nos imagens dramáticas e os jornais informam-nos sobre terríveis catástrofes que se abatem sobre a população. Contudo, as provas pelas quais passam numerosas pessoas, não são frequentemente conhecidas. Esquecemos todas essas pessoas. Poderíamos crer que elas sofrem em silêncio, mas isso é falso. Esse silêncio é, acima de tudo, a prova da nossa ignorância e do nosso egoísmo.

Deus escuta aquilo que frequentemente nós não queremos escutar. Ele ouve os gritos daqueles que sofrem e vê a sua opressão. Ele não a ignora (Ex 3). Lendo a narração do texto da saída do povo de Israel do Egipto, os habitantes da África do Sul recordam-se da sua própria libertação do “apartheid”. Mesmo sistematicamente reduzidos ao silêncio, ecoa o seu apelo à liberdade e à justiça; eles suportaram os grandes sofrimentos e esperaram muito tempo antes de reencontrar a liberdade.

Hoje, em África, são numerosas as vítimas da pandemia da Sida. Nenhuma guerra no mundo foi tão assassina como a Sida. Mas isto interessa muito pouco às pessoas – em particular às sociedades ocidentais. Um muro de silêncio divide o mundo. O Salmo 28 mostra-nos uma pessoa que sofre, que grita ao Senhor. Na miséria e na esperança, é para Deus que ela se volta. Ela reza e guarda a esperança de que Deus a verá, porque os outros não vêem a sua dor.

Juntos nós cremos que Deus partilha as dificuldades e os medos daqueles que sofrem. O grito de Cristo na cruz é o sinal mais eloquente (Mc 15). Deus não está longe, mas no coração de nossos sofrimentos.

Formamos um só corpo neste Cristo de compaixão. A miséria de certos membros não os atinge apenas a eles mesmos, mas concerne a todos. Não podemos ignorar os gritos dos enfermos ou pedir-lhes para se calarem dizendo que Deus os julga. Sim, Paulo tem razão quando diz: “Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento” (1 Cor 12, 26), então podemos afirmar que “toda a Igreja tem Sida”. Estamos ligados uns aos outros num só corpo, o de Cristo. Juntos, devemos cuidar dos abandonados e dos excluídos.

Diante do grande desafio da Sida, temos necessidade de uma Igreja unida e não dividida. Temos necessidade de uma Igreja onde todos cooperam e constroem uma comunidade de compaixão e de fé enquanto corpo de Cristo; uma comunidade que rompe o silêncio dos esquecidos e ouve os gritos de todos os que sofrem.

ORAÇÃO

Deus eterno, tu és a esperança dos esquecidos pelo nosso mundo. Tu ouves o grito dos corações feridos e a voz das almas desesperadas. Ensina-nos, pelo poder do teu Espírito, a escutar, com os teus ouvidos e, no silêncio, perceber a voz daqueles que sofrem e esperam. Enquanto membros do único corpo de Cristo, faz com que sejamos cada vez mais uma comunhão de compaixão e um sinal profético da encarnação da tua graça e da tua justiça. Ámen.

Quinto Dia

Deus julga o nosso silêncio

“Cada vez que não o fizestes a um destes pequeninos” (Mt 25, 45)

Mq 6,6-8: Que exige de ti o Senhor ?

Sl 31(30),1-5: Deus refúgio e fiel redentor

1 Pe 4,17: O julgamento começa pela casa de Deus

Mt 25,31-46 (41-46): Cada vez que não o fizestes a um destes mais pequenos, a mim também não o fizestes

COMENTÁRIO

Aqueles que sofrem em silêncio – que perderam a voz ou dela foram privados – encontram refúgio e esperança em Deus, que é fiel em socorrê-los. É, portanto, com razão, que eles procuram ajuda, não somente junto de Deus, mas também junto dos seus servidores e, em particular, junto dos cristãos e das Igrejas. Estes são chamados a expressarem-se em nome daqueles que não podem tomar a palavra ou não o fariam e a ajudar aqueles que estão sem força de falar por si mesmos: o Senhor exige que nós trabalhemos, antes de tudo, em favor da justiça.

Apesar disto, as esperanças dos que sofrem só têm como resposta o nosso silêncio. Os cristãos e as Igrejas não tomam sempre posição ou não agem não sempre como deveriam para ajudar os sem voz a tomar a palavra. Somos chamados a servir os outros, até mesmo o menor entre eles e, portanto, frequentemente faltamos com o nosso dever. Mesmo sabendo que Jesus está presente nos mais pequeninos entre nós, não estamos sempre dispostos a ajudá-los como deveríamos.

Sabemos que é o momento para o julgamento começar pela casa de Deus. As nossas ações são comparadas com aquilo que somos chamados a realizar, qualquer afastamento é, portanto, imediatamente visível: enquanto mantivermos o silêncio e não oferecermos àqueles que não têm força a possibilidade de se expressar, Deus julga-nos. Entretanto, o julgamento divino não tem a finalidade de condenar, mas de nos conduzir a uma vida nova. A confissão liberta-nos: reconhecendo que o nosso silêncio nos torna cúmplices dos sofrimentos dos outros, podemos então falar em seu nome e dar-lhes os meios de tomarem eles mesmos a palavra.

Enquanto cristãos e Igrejas – onde quer que nos encontremos – temos o dever de nos perguntarmos se não guarda-

mos demasiado o silêncio quando, na verdade, deveríamos responder a certas questões:

- Fazemos o melhor para falar em nome dos outros e dar-lhes os meios de tomarem a palavra?
- Na negativa, por que não somos capazes de escutar os gritos daqueles que sofrem? Ou melhor, permanecemos paralisados diante de tantas desgraças, por exemplo, os funerais incessantes nos “townships”, nos bairros de lata e nas zonas rurais?
- As Igrejas estão, às vezes, tão ocupadas em resolver as suas questões internas, ao ponto de não escutarem os gritos daqueles que estão fora?
- As divisões entre as Igrejas impedem-nas de prestar atenção aos gritos daqueles que sofrem?

São questões perturbadoras, mas, colocando-nos essas questões a todos nós, aqui reunidos, conseguiremos romper o silêncio e testemunharemos, assim, a nossa unidade ao serviço daqueles que sofrem.

ORAÇÃO

Deus, nosso refúgio e nosso redentor,
Escuta a palavra daqueles que estão sem voz;
Abre as suas bocas a fim de que eles possam falar e concede-lhes enfim a justiça e a cura, a alegria e a paz.
Abre os nossos ouvidos para que escutemos os gritos daqueles que sofrem;
Abre os nossos lábios para que possamos falar em nome deles; e
Abre os nossos corações a fim de que nos empenhemos para que outros tenham a possibilidade de se expressar.
Ámen.

Sexto Dia

Reencontrar a força de falar

“Então a mulher, temerosa e a tremer... disse-lhe toda a verdade” (Mc 5, 33)

Jz 6,11-16: Eu estarei contigo

Sl 50(49), 1-15: Chama-me

At 5,26-32: Obedecer a Deus

Mc 5,24-34: Dizer toda a verdade

Comentário

Existem assuntos que, em princípio, não podem ser abordados: especialmente em relação ao sexo, ao dinheiro e à religião. A atitude de Jesus para com a mulher, que sofria de hemorragia, foi, ao mesmo tempo, inovadora e espantosa. Foi a fé e a confiança em Jesus que a impeliu a se aproximar dele com a certeza de que lhe concederia a cura. Jesus, a quem ela toca as vestes, sente que uma força saiu de si enquanto a mulher sente que está curada, que ela reencontra a força de falar, de dizer que a sua história, feita de longos sofrimentos silenciosos, enfim está terminada. Somente após ter narrado a sua experiência é que Jesus diz que ela está curada.

Esta situação apresenta semelhanças com o que vivem numerosos pastores da África do Sul: desejam oferecer um acompanhamento aos doentes de Sida e são impedidos pela conspiração do silêncio e da vergonha. Somente quando aqueles que estão contaminados ou atingidos de uma maneira ou de outra pela doença estão dispostos a partilhar a sua experiência, é que se pode oferecer ajuda através de palavras e gestos de cura. Um ditado zulu afirma que manter um segredo em grande silêncio é como se sentar sobre um escorpião. É um dever e um desafio das Igrejas saber oferecer, às pessoas contaminadas, um ambiente no qual elas se sintam em segurança para falar.

As Igrejas têm necessidade de falar de certos assuntos que, por uma razão ou outra, são difíceis de abordar; para sair do contexto sul-africano, assuntos como a guerra e a paz, o capitalismo mundial e os seus efeitos destruidores, a

tragédia dos exilados ou os maus-tratos infligidos às crianças. Para a Igreja, isso não deveria ser uma escolha porque aí está a sua verdadeira razão de ser. Deus chama a Igreja a proclamar a sua Palavra no mundo, a levar a Boa Nova àqueles que estão necessitados; por conseguinte, as Igrejas não podem guardar silêncio quando as forças exteriores são obstáculo à encarnação da Palavra de Deus. Portanto, acontece que as próprias Igrejas entram esta encarnação pelas suas divisões e pela sua desunião. A Palavra que foi confiada à Igreja é una e só falando numa mesma voz e agindo com a mesma solicitude é que as Igrejas testemunharão realmente e de maneira credível esta Palavra. As Igrejas devem estar dispostas, por conseguinte, a expressar a sua vergonha diante das suas próprias divisões. A cura só será possível se conseguirmos falar da dura verdade da nossa desunião.

Oração

Deus criador, pela tua palavra, tu fizeste o mundo bom; o teu Filho ressuscitado intercede em nosso favor; o teu Espírito guia-nos rumo à plena verdade. Perdoa-nos por todas as vezes em que o nosso silêncio atingiu o mundo que tu criaste, entrando a realização da obra de Cristo e sufocando a verdade. Dá-nos a coragem – enquanto indivíduos e enquanto Igrejas – de proclamar a uma só voz a verdade no amor, de encarnar a tua compaixão para com todos aqueles que sofrem e de espalhar a Boa Nova do teu Evangelho por todo o mundo, em nome Daquele em quem a tua Palavra se encarnou por nós, nosso Senhor Jesus Cristo. Amén.

Sétimo Dia Abandono

“Minha salvação fica longe” (Sl 22, 1)

Is 53, 1-5: Nossos sofrimentos carregou, nossas dores suportou

Sl 22, 1-5: Abandono

Rm 8, 35-36: Quem nos separará do amor de Cristo?

Mt 27, 57-61: O amor colocado no túmulo

COMENTÁRIO

O grito de abandono de Jesus sobre a cruz ecoa as palavras do salmista: “Apesar do meu rugir, a minha salvação fica longe”. O servo sofredor deve suportar o medo de ser executado como um criminoso ordinário. Vem em seguida o silêncio total da morte e do túmulo, fechado por uma grande pedra, Maria de Magdala e a outra Maria permanecem sentadas, sem voz, diante do sepulcro.

Existem momentos na nossa vida em que o sofrimento ultrapassa todas as medidas, onde nenhuma palavra, nenhum grito, nenhuma lágrima, nenhum gesto podem exprimir a nossa dor. É como se estivéssemos lá com as mulheres junto ao túmulo, a ver desaparecer tudo o que tínhamos amado e esperado.

Os cemitérios de “townships” e de zonas rurais na África do Sul estão cheios de esperanças feridas e de castigos inexprimíveis. Famílias que até então tinham apenas um túmulo para visitar, doravante têm nove. Considerando a falta de lugar nos cemitérios, as pessoas são enterradas por cima dos outros membros das suas famílias e os membros do clero celebram frequentemente os funerais de muitas pessoas ao mesmo tempo. Até aí os pais e as mães projectavam o seu futuro em torno de uma família sempre maior. Hoje, em numerosos casos, as crianças têm diante de si um futuro sem pais. A morte pode reduzir ao silêncio comunidades inteiras.

Entretanto, foi pelo seu sofrimento que Cristo nos salvou. Ele carregou a dor de toda a humanidade e, pela sua morte, resgatou todos os nossos pecados. Ele foi pregado na cruz para atrair a si todos os homens e mulheres. No seu sofrimento e angústia na cruz, ele fez, verdadeiramente, a experiência da dor humana, a mais sombria e mais dolorosa. Quanto mais nos aproximamos da cruz de Cristo mais nos aproximamos uns dos outros. Cristo entregou a sua vida por todos os homens da terra e, reconhecendo que todos nós somos beneficiários igualmente da sua obra de salvação, descobrimos nisso a base já existente da unidade. A vida da Igreja deve ser a expressão dessa unidade que é a nossa dívida para com ele.

ORAÇÃO

Senhor, tu que nos doas a vida e cuidas de nós, agradecemos-te porque conheces e compreendes o nosso sofrimento. Em Cristo, tu assumiste em ti as nossas enfermidades e pelas suas chagas, tu nos curaste. Conceda-nos fé e coragem quando estamos desanimados. Diante dos grandes sofrimentos como a Sida, o cancro, a malária e os traumatismos da guerra, arranca de nós a desesperança. Quando o sofrimento obscurece o sentido da vida, faz com que nos voltemos para Cristo que sofreu, mas venceu a morte e fez de nós um povo resgatado. Em seu nome, nós te pedimos. *Ámen.*

Oitavo Dia

Ressurreição – glorificação

“E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor” (Fil 2, 11)

Ez 37,1-14: Eu vos farei sair dos vossos sepulcros

Sl 150: Que tudo o que respira louve o Senhor

Rm 8,31-39: Jesus Cristo morreu, muito mais, ele ressuscitou,... ele intercede por nós!

Lc 24,44-52: Os Apóstolos estavam sem cessar no Templo, bendizendo a Deus

COMENTÁRIO

A África do Sul é vitimada pela violência e pela doença. A morte injusta bate à porta de todos os desafortunados dos bairros de lata e das zonas rurais. Portanto, todos os Domingos cada um proclama com confiança a ressurreição do Senhor, frequentemente depois de ter assistido, no dia anterior, ao sepultamento dos seus defuntos.

Esta determinação em celebrar a ressurreição do Senhor conduz todo o sofrimento e toda a dor à esperança. Cristo ressuscitou de um *túmulo*, revelando a gloriosa vitória de Deus sobre morte na cruz. Na fé no poder de Deus que dá vida àquele que está morto, as Igrejas de Umlazi começam a celebrar a Páscoa com uma noite de vigília em que se dirigem em procissão até aos cemitérios, à luz de velas, proclamando no meio dos túmulos das pessoas queridas que “Cristo ressuscitou”. Isto lembra-nos a profecia de Ezequiel, uma nova terra, onde o Espírito de Deus coloca o seu sopro nos ossos ressequidos que são reconduzidos à vida. Os cristãos celebram o poder divino que transforma a morte em vida.

A Epístola aos Romanos de São Paulo fala de Cristo ressuscitado sentado à direita do Pai de onde ele nos anuncia que todo o ser humano possui um lugar junto de Deus, testemunha da mediação divina que oferece ao mundo a reconciliação, a consolação e o perdão. A confiança no poder do amor de Deus dá-nos a força para enfrentar a morte e as situações que aparentemente nos abatem, nos desanimam. Podemos também estar seguros de que, se nada pode nos separar do amor do Pai, então, pela graça de Deus, nada nos pode separar uns dos outros.

Da morte Deus faz brotar a vida. Deus murmura uma palavra de esperança, ao ouvido de um povo crente, em agonia, ao ouvido daqueles que esperam com impaciência a unidade. É uma esperança naquilo que Deus prepara para nós, aquilo que os crentes estão apenas conscientes: a vinda do Reino de Deus. É a esperança de que todo o silêncio desesperado e que a constante divisão desaparecerão um dia, de sorte que cada língua poderá proclamar a uma só voz a glória de Deus Pai. O que Deus murmura aos nossos ouvidos, esse antegoço do seu Reino, permanece um mistério, mas exige, desde agora, o nosso compromisso. A esperança que sustenta os crentes da África do Sul e os impede de se abandonarem ao desespero deveria dar a força a todos os crentes de serem solidários com todos aqueles que sofrem. Cada um de nós deve estar pronto a tornar-se um instrumento da missão de Deus a fim de levar a vida e a luz àqueles que vivem na escuridão do sofrimento e da injustiça. Esta mesma esperança deve impulsionar os cristãos a buscarem a unidade através de um ecumenismo no quotidiano e a permanecerem abertos a novos caminhos que nos possibilitarão expressar *juntos* a fé que partilhámos.

ORAÇÃO

Senhor Deus, que nós amamos, diante da cruz do teu Filho, oferecida ao mundo, contemplamos o sofrimento de uma humanidade que implora o teu socorro. Desperta em nós um hino de vitória que proclame que é “pela morte” que ele venceu a morte e que esta vida nova inaugurada na manhã de Páscoa nos oferece a vida e a vitória sobre a morte e as forças do mal. *Ámen.*

Oração suplementar

(Publicada sob a responsabilidade do grupo ecuménico local da África do Sul)

Intercessões pelas pessoas contaminadas pela Sida

L. Ó Deus, nosso Pai, criador do céu e da terra

C. *Tem piedade de nós.*

L. Ó Deus, o Filho, salvador do mundo

C. *Tem piedade de nós.*

L. Ó Espírito Santo de Deus, advogado, guia e consolador

C. *Tem piedade de nós.*

L. Ó Trindade santa, bendita e gloriosa
Três pessoas em um só Deus

C. *Tem piedade de nós.*

L. Deus nosso Pai, escuta a nossa oração por aqueles que são vítimas da Sida, aqueles que estão em perigo de morte. Concede-lhes o conforto da tua presença, faz com que eles procurem a Tua face, e encontrem a força em Ti que és a fonte da vida.

C. *Tem piedade, escuta a nossa oração*

L. Senhor Jesus, escuta a nossa oração por aqueles que acabaram de descobrir que estão contaminados pelo vírus HIV mas que ainda não estão doentes. Recorda-lhes que eles têm ainda uma vida diante de si: faz com que eles encontrem em Ti a Vida, o Caminho e a Verdade.

C. *Jesus, Senhor da vida, escuta a nossa oração.*

L. Espírito Santo de Deus, escuta as nossas orações por aqueles que cuidam das pessoas doentes da Sida. Concede-lhes a certeza da presença do Pai e do amor de Jesus. Concede-lhes o teu conforto, dá-lhes a tua paz.

C. *Espírito de santidade, escuta a nossa oração.*

L. Pai, pedimos-te que todos escutemos o teu apelo nestas circunstâncias, um apelo a ajudar os outros.

Pedimos-te que todos façam penitência das suas imoralidades e modelem as suas vidas sobre os conselhos que nos dá a tua Palavra.

Ajuda-nos a fim de que possamos viver de maneira responsável, pensando não unicamente em nós mesmos, mas também naqueles que estão ao nosso redor.

Pedimos-te pelos cientistas e médicos que trabalham na pesquisa em busca de um remédio para combater a Sida.

Pedimos-te pela tua Igreja. Guia-nos a fim de que possamos levar o teu conforto àqueles que necessitam de ser apoiados.

Cumula os nossos corações da tua compaixão para que os contaminados pela Sida tenham a certeza de que a Igreja os ajudará; Guia-nos a fim de que saibamos como ajudar aqueles que necessitam.

Isto te pedimos porque a tua misericórdia por nós é imensa.

C. *Senhor de misericórdia, escuta a nossa oração.*

Todos: *Ámen.*



Algumas datas importantes NA HISTÓRIA DA ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

1740 — Escócia

Na Escócia, nascimento de um movimento pentecostal com ligações à América do Norte, cuja mensagem para a renovação da fé faz apelo à oração por todas as Igrejas, e com elas.

1820 — James Haldane Stewart

O Reverendo James Haldane Stewart publica: “Conselhos para a união geral dos cristãos, com vista a uma efusão do Espírito” [Hints for the outpouring of the Spirit].

1840 — Ignatius Spencer

O Reverendo Ignatius Spencer, um convertido ao catolicismo romano, sugere uma “União de oração pela unidade”.

1867 — Lambeth

A primeira Assembleia dos bispos anglicanos em Lambeth, na introdução às suas resoluções, insiste sobre a oração pela unidade.

1894 — Leão XIII

O Papa Leão XIII encoraja a prática de um Oitavário de Oração pela unidade, no contexto do Pentecostes.

1908 — Paul Wattson

Celebração da “Oitava pela unidade da Igreja”, por iniciativa do Reverendo Padre Paul Wattson.

1926 — Fé e Constituição

O Movimento Fé e Constituição começa a publicação de “Sugestões para um Oitavário de Oração pela Unidade dos cristãos”.

1935 — Paul Couturier

Em França, o Padre Paul Couturier torna-se o advogado da “Semana universal de súplica pela unidade dos cristãos”, à base de uma oração concebida para a unidade que Cristo quer, e pelos meios que Ele quer”.

1958 — “Unidade Cristã”

O Centro “Unidade Cristã” de Lyon (França) começa a preparar o tema para a Semana de Oração, em colaboração com a Comissão “Fé e Constituição” do Conselho Mundial de Igrejas.

1964 — Paulo VI e Atenágoras I

Em Jerusalém o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras I, recitaram juntos a oração de Cristo “que todos sejam um” (Jo 17).

1964 — Concílio Vaticano II

O Decreto sobre o Ecumenismo, do Concílio Vaticano II, sublinha que a oração é a alma do movimento ecuménico, e encoraja a prática da Semana de Oração.

1966 — “Fé e Constituição” e Secretariado para a Unidade

A Comissão “Fé e Constituição” e o Secretariado para a Unidade dos Cristãos (presentemente Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos) da Igreja Católica, decidem preparar em conjunto o texto para a Semana de Oração de cada ano.

1968

Pela primeira vez, a “Oração pela Unidade” é celebrada com base nos textos elaborados em colaboração entre “Fé e Constituição” e o Secretariado para a unidade dos cristãos.

1975

Pela primeira vez a Semana de Oração utilizou material com base no texto preparado pelo grupo ecuménico local. Um grupo australiano foi o primeiro a utilizar esse projecto para preparar o esboço inicial de 1975.

1988

Os materiais da Semana de Oração foram usados durante a oração de abertura pela Federação Cristã da Malásia, que reúne os principais grupos cristãos do país.

1994

Texto para 1996 preparado em colaboração com ACM's.

2004 — Apresentação conjunta dos textos

O acordo entre Fé e Constituição (Conselho Mundial de Igrejas) e o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (Igreja Católica) para que o livrinho da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos seja oficialmente publicado em conjunto e apresentado com um mesmo formato.

Ὁ ἈΣΠΑΣΙΟΣ ὁ Ἀποστόλων

ΠΕΤΡΟΣ

Κ. ΠΑΥΛΟΣ

An icon depicting the apostles Peter and Paul in a close embrace, symbolizing unity. Peter is on the left, with a white beard and balding head, wearing a blue robe. Paul is on the right, with a dark beard and balding head, wearing a grey robe. Both have golden halos. The background is gold. The text 'Ὁ ἈΣΠΑΣΙΟΣ ὁ Ἀποστόλων' is at the top, 'ΠΕΤΡΟΣ' on the left, and 'Κ. ΠΑΥΛΟΣ' on the right. Overlaid text reads 'A Unidade dos Cristãos nos Dias de Hoje' in white.

**A Unidade dos Cristãos
nos Dias de Hoje**

Cristo, único fundamento da Igreja *

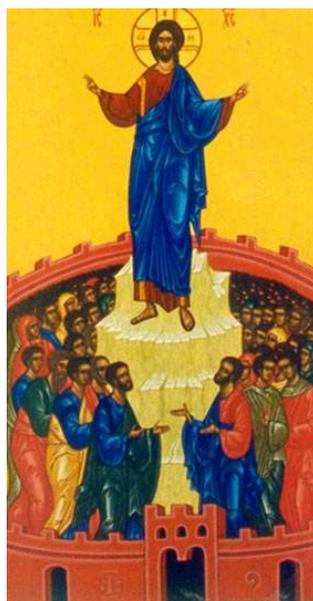
Cardeal Walter Kasper

“Ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo” (1 Cor 3, 11).

Com estas palavras fortes o Apóstolo Paulo recorda o único fundamento sobre o qual a Igreja está construída, e ao mesmo tempo explica-nos a razão do nosso compromisso ecuménico. Porque estar fundado no único Senhor Jesus Cristo exige a profissão na “Igreja, una e santa” e exclui as divisões. Não se pode dizer: “Eu sou de Paulo” ou “eu sou de Apolo” (1 Cor 3, 4). Através do único baptismo todos somos em Cristo. A “*Unitatis redintegratio*”, ou seja, a recomposição da unidade é, por conseguinte, uma das tarefas prioritárias da Igreja.

1. No ano passado celebrámos o 40º aniversário do Decreto conciliar “*Unitatis redintegratio*”, que fala de ecumenismo. A Conferência Internacional realizada em Rocca di Papa no mês de Novembro foi uma ulterior confirmação da actualidade deste documento e da urgente necessidade de o tornar uma realidade. De facto, o Decreto expressa claramente uma das prioridades do Concílio Vaticano II: a unidade visível de todos os discípulos de Cristo, pela qual Nosso Senhor rezou na vigília da sua morte (cf. Jo 17, 21). Por ocasião desse aniversário, expressámos a nossa profunda gratidão por aquilo que o Espírito realizou ao longo dos últimos quarenta anos.

Hoje, no início deste novo ano, não queremos dirigir um olhar para o passado, mas desejamos olhar para o futuro, o futuro do ecumenismo. Desde o seu alvorecer, no início do século XX, o movimento ecuménico conheceu grandes mudanças no mundo e nas nossas Igrejas. A própria situação ecuménica é muito diferente. Por vezes, o impulso inicial parece correr o risco de escorregar para um estado de letargo e perder a sua credibilidade.



Por um lado, emergem sinais de resignação e de frustração. Então, não podemos continuar a repetir: “*business as usual*”, tudo como de costume. Que devemos fazer? Que podemos fazer?

2. Não faltam propostas para rever os métodos, mudar as estruturas, integrar novos membros, examinar as questões urgentes, até fazer uma nova reflexão sobre os nossos propósitos, sobre as nossas finalidades e sobre as nossas prioridades.

Estas sugestões podem ser, numa certa medida, razoáveis e relevantes. Mas na leitura que acabámos de ouvir, Paulo

faz-nos outra proposta. Ele define-se um arquitecto que, como tal, deve projectar a construção da casa, ou seja da habitação e do templo de Deus, que é a Igreja. Um bom arquitecto diz-nos Paulo não começa com o tecto ou com a estrutura interna, mas pelos fundamentos. Só um sólido fundamento, construído não sobre a areia, mas sobre a rocha, segundo as palavras de Jesus no sermão da montanha, faz com que a casa permaneça firme e não desabe com a fúria das tempestades (cf. Mt 7, 24-27).

Por isso Paulo convida-nos a reflectir de novo sobre o fundamento do nosso trabalho. A sua resposta é muito clara: “Ninguém pode lançar um fundamento diverso do que já se encontra ali, que é Jesus Cristo”. A resposta aos novos desafios é uma resposta de fé e espiri-

tual, ou seja, uma resposta radicada na vida e no espírito de Cristo.

A fé em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é o fundamento do baptismo, que faz com que sejamos cristãos, incorporando-nos na Igreja (cf. 1 Cor 3, 28). A confissão cristológica de fé em Jesus Cristo como *único* salvador de *toda* a humanidade pertence à fórmula básica

* Homília na celebração das vésperas por ocasião da conclusão da “Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2005”.

do *Conselho Ecuménico das Igrejas* e constitui o acordo fundamental, o denominador comum, de quantos participam no movimento ecuménico. E o testemunho missionário comum que professa que só há salvação no nome de Cristo (*Act 4, 12*), perante um mundo que ainda não o conhece, ou deixou de o conhecer, é precisamente a finalidade do compromisso ecuménico. Assim, Jesus Cristo não é só o fundamento, mas é a finalidade do nosso compromisso ecuménico; n'Ele todos nós seremos uma coisa só. “*Todos sob a única Cabeça, Jesus Cristo*”, disseram os padres fundadores luteranos nos seus escritos confessionais.

Mas esta realidade ainda é clara para todos nós? Temo-la bem presente durante os nossos debates e reflexões? Não nos encontramos talvez na situação na qual a nossa tarefa prioritária, o nosso maior desafio é recordar e fortalecer o nosso fundamento comum e evitar a sua vanificação por parte de interpretações chamadas liberais, que se definem progressistas, mas que na realidade são subversivas? Precisamente hoje, quando na sociedade pós-moderna tudo se torna relativo e arbitrário, e cada um cria a própria religião *a la carte*, temos necessidade de um fundamento sólido e de um confiável ponto de referência comum para a nossa vida pessoal e para o nosso trabalho ecuménico. E que fundamento podemos ter a não ser Jesus Cristo? Quem melhor que Ele nos pode guiar? Quem mais do que Ele nos pode dar luz e esperança? Onde, a não ser n'Ele, podemos encontrar palavras de vida (cf. *Jo 6, 68*)?

3. Que significa tudo isto concretamente? Mencionarei aqui apenas três consequências. *Em primeiro lugar*, foi em relação à Bíblia que nos dividimos e unicamente através da leitura, do estudo e da meditação da Bíblia podemos reencontrar a unidade. “O desconhecimento das Escrituras é desconhecimento de Cristo” diz o Concílio (*Dei Verbum, 25*), exortando-nos a reencontrar a longa tradição da *Lectio divina (ibid)*, ou seja, a leitura orante da Sagrada Escritura. Nesta leitura espiritual, segundo os Padres da Igreja, encontra-se a presença real e autêntica de nosso Senhor Jesus Cristo, semelhante à que está presente na celebração da Eucaristia (*Sacrosanctum Concilium, 7*). O nosso compromisso ecuménico deve alimentar-se na mesa da Palavra (*Dei Verbum, 21*). Sobre a Bíblia nos dividimos, sobre a Bíblia nos devemos unir de novo. O melhor ecumenismo consiste em ler e viver o Evangelho.

Em segundo lugar, através do baptismo somos incorporados em Jesus Cristo. No nosso compromisso ecuménico não começamos de zero. Através do baptismo já nos encontramos numa comunhão fundamental que nos une a Jesus Cristo, e que nos une uns aos outros. Então, reflectamos juntos: que significa ser baptizados sob o ponto de vista da fé, e também sob o ponto de vista da vida? Que significa para a nossa vida de todos os dias e para as respostas que damos às urgentes questões éticas? São Paulo exorta-nos a não nos conformarmos com a mentalidade do

mundo (cf. *Rm 12, 2*), a não nos deixarmos levar pelas ondas, a não nos deixarmos arrastar por qualquer corrente de doutrina (cf. *Ef 4, 14*). Corremos o risco e por vezes este risco já é uma triste realidade de nos dividirmos sobre novas questões éticas e de cavar fossas onde durante séculos estávamos unidos. Por conseguinte, já não estamos em condições de dar um testemunho comum da nova criação a um mundo que teria hoje urgente necessidade precisamente deste testemunho profético.

Em terceiro lugar, Jesus Cristo está presente na Igreja por meio da sua palavra e dos seus sacramentos. Ele é o chefe da Igreja e a Igreja é o seu Corpo, a Igreja que Ele tanto amou e pela qual se entregou a si mesmo para a santificar, purificando-a com a água que lava, e isto mediante a palavra (cf. *Ef 5, 24-26*). Sim, a Igreja peregrinante ainda não está sem mancha nem ruga, mas ainda é peregrina ao longo do caminho da purificação, da plenitude e do renovamento (cf. *Lumen gentium, 8*). Contudo, Cristo ama-a igualmente e entrega-se a si mesmo por ela.

Não deveríamos porventura, nós também, crescer no amor pela Igreja, maturar no “*sentire cum ecclesiam*”, ou seja, “sentir-nos Igreja, sentir-nos parte integrante da Igreja?”. Podemos e devemos distinguir Cristo da Igreja, mas não podemos separá-los. Santo Agostinho ensinou-nos a fórmula *Christus totus*, a plenitude de Cristo como Cabeça e Corpo. Este é o ponto de divergência mais profundo entre as Igrejas e as Comunidades eclesiais do Ocidente, que nos impede de ser plenamente sinal e instrumento de Cristo. O tema de Jesus Cristo como fundamento comum exorta-nos a reflectir juntos, com renovado impulso, sobre a “*Natureza e a finalidade da Igreja*”, segundo o título de um dos mais recentes e principais projectos ecuménicos.

Queridos amigos, a Igreja é a casa e o templo de Deus, onde os fiéis podem viver e rezar juntos. Todos nós somos colaboradores de Deus (*1 Cor 3, 9*). No final, cada um deverá prestar contas se edificou uma casa sólida e como a edificou: se edificou sobre o único fundamento, que é Jesus Cristo, com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha. A nossa obra manifestar-se-á com o fogo, e o fogo há-de provar a qualidade da obra de cada um e se esta obra há-de resistir (cf. *1 Cor 3, 12 s.*). Noutras palavras, ser-nos-á perguntado se edificámos ou destruimos o templo de Deus (*1 Cor 3, 17*).

A nossa construção ecuménica da plena unidade de todos os discípulos de Cristo resistirá unicamente se construirmos sobre o único fundamento, que é o Senhor, se construirmos sobre a sua Palavra e sobre o seu Sacramento, se construirmos sobre a sabedoria do mundo (cf. *1 Cor 3, 19*) mas é no único Espírito de Jesus Cristo, que este mundo pode considerar loucura, mas que é poder e sabedoria de Deus (cf. *1 Cor 1, 24*). Portanto, rezemos ao Senhor para que faça de nós bons arquitectos e nos conceda a força e a sabedoria espiritual, a coragem, a paciência e a esperança.

O ecumenismo nos dias de hoje: a situação na Igreja Católica *

RESULTADOS DE UMA SONDAÇÃO DO
CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS

D. Brian Farrell

INTRODUÇÃO

Durante o mês de Novembro de 2004, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos organizou um encontro internacional nos arredores de Roma (Itália), com a finalidade de recordar o quadragésimo aniversário da promulgação, ocorrida no dia 21 de Novembro de 1964, do Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis redintegratio*, do Concílio Ecuménico Vaticano II. [...]**

Em preparação para este importante encontro internacional, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos tinha enviado um questionário às várias Conferências Episcopais e aos Sinodos das Igrejas Orientais Católicas, com o objectivo de elaborar um relatório acerca da situação actual do ecumenismo no interior da Igreja Católica e também a nível local. Mediante esta iniciativa, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos desejava apurar o grau de aplicação prática, tanto da *Unitatis redintegratio*, a quarenta anos de distância da sua promulgação, como do *Directório Ecuménico*, publicado dez anos depois da divulgação desse Decreto conciliar. [...]***

Quanto apresentamos a seguir constitui um breve relatório sobre os resultados alcançados na mencionada sondagem.

Os dados recebidos foram subdivididos segundo quatro temas principais:

1. O progresso da consciência ecuménica no âmbito da Igreja Católica;
2. A organização do ecumenismo;
3. A acção ecuménica da Igreja Católica a nível local; e
4. Algumas sugestões de reflexão sobre o futuro do ecumenismo.

* © Copyright 2005 – Libreria Editrice Vaticana

** Mais de 250 participantes estiveram presentes nesse encontro. Entre eles, os Presidentes (ou os Secretários) das várias Comissões Ecuménicas da maior parte das Conferências Episcopais e dos Sinodos das Igrejas Orientais Católicas, os moderadores dos diálogos teológicos bilaterais com as principais Comunhões cristãs, os membros e consultores do mencionado Dicastério ecuménico. Estavam também presentes nesse encontro mais de trinta “delegados fraternos” das outras Igrejas e Comunidades eclesiais, do “Conselho Ecuménico das Igrejas” de Genebra (Suíça) e da “Conferência das Igrejas Europeias”, além de diversos hóspedes representantes da Cúria Romana, das várias Universidades Pontifícias e das Faculdades de Teologia.

*** Dos 163 questionários enviados, 83 foram preenchidos e restituídos ao Conselho Pontifício. Considerando as respostas recebidas a níveis continental e regional, pode-se constatar o seguinte: 20 respostas da África (44% dos organismos episcopais e sinodais presentes nesse Continente); 17 respostas da América Latina e do Caribe (71%); uma resposta da América Setentrional (50%); 12 respostas da Ásia (60%); 24 respostas da Europa (60%); sete respostas do Médio Oriente (46%); e duas respostas da Oceânia (40%).

1. O PROGRESSO DA CONSCIÊNCIA ECUMÉNICA NO ÂMBITO DA IGREJA CATÓLICA

1.1 Sinais positivos

A sondagem demonstrou evidentemente que, em todas as regiões do mundo, a *Unitatis redintegratio* introduziu um melhoramento radical das atitudes católicas em relação aos outros cristãos; a abordagem polémica do passado não é mais predominante. *Os católicos têm uma atitude positiva no que se refere à tarefa ecuménica a desempenhar.* Eles desejam conhecer mais profundamente as outras Igrejas e Comunhões cristãs, enquanto manifestam em geral a vontade de participar nos acontecimentos e encontros ecuménicos, e de maneira especial no que diz respeito à oração conjunta em favor da unidade. O ecumenismo espiritual constitui uma prática muito difundida. Além da “Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos”, que permanece como um elemento principal da acção ecuménica, as celebrações conjuntas das maiores festas litúrgicas e comemorações, assim como as solenidades civis, nacionais e locais, quase em toda a parte são hoje uma realidade. Além disso, há uma difundida partilha dos lugares de culto. Dois terços das respostas ao referido questionário fizeram referência à colaboração ecuménica a nível paroquial e à publicação de orientações para a actividade ecuménica nas respectivas regiões. Em geral, podemos estar certos de que o esforço em vista de aplicar o compromisso ecuménico do Concílio Vaticano II continua e difunde-se através de toda a Igreja.

1.2 Problemas e resistências

Contemporaneamente, não podemos ser ingénuos. E embora nem todas as dificuldades mencionadas nas respostas ao questionário estejam presentes ao mesmo nível

em toda a parte na Igreja, um olhar de conjunto sobre estas dificuldades pode ser útil, enquanto evidenciam os desafios enfrentados por aqueles que trabalham pela unidade dos cristãos a nível prático.

Supondo uma possível síntese, pode-se afirmar que as questões teológico-pastorais que foram mencionadas com maior frequência nas respostas ao questionário são as seguintes:

- o problema do reconhecimento recíproco do baptismo e o novo baptismo dos católicos por parte de algumas Igrejas e Comunidades eclesiais, como dado de facto ou práxis seguida; [...]
- a problemática dos abusos a respeito da *communicatio in sacris*;
- as questões relativas aos matrimónios mistos;
- os problemas levantados nalguns lugares por excessos aparentes em práticas devocionais católicas, relativas ao culto mariano;
- a questão da unificação da data da Páscoa tema debatido em vários contextos a partir do Concílio Ecuménico Vaticano II que constitui uma preocupação especialmente sentida no Médio Oriente;
- a diversidade na organização e nas estruturas eclesiais em determinados países faz com que os católicos encontrem dificuldades na identificação dos parceiros ecuménicos em certas Confissões; constata-se também a difundida presença de acusações recíprocas de proselitismo (América Latina, Egipto e Rússia); e
- por fim, muitas Conferências Episcopais concordam em indicar que a falta de uma literatura ecuménica acessível aos fiéis menos preparados constitui um problema.

Entre os factores não teológicos que têm repercussões sobre o ecumenismo, as respostas puseram em evidência os seguintes: as situações sociais e políticas (de forma especial na ex-União Soviética); os conflitos étnicos (África e região dos Balcãs); e a situação maioritária ou minoritária da Igreja. Na Europa Oriental, muitas respostas dizem respeito às tensões relativas à restituição dos bens eclesiásticos. Nalguns lugares, a promoção da unidade dos cristãos é vista como uma ameaça por determinados grupos islâmicos.

As respostas provenientes de todos os continentes realçaram a persistência de atitudes caracterizadas pelo temor recíproco, pela suspeita e pela desconfiança. Outros cristãos nutrem o medo de ser absorvidos pela Comunidade católica mais forte do que eles e, vice-versa, os católicos consideram com desconfiança certos grupos, que recorrem aos meios de comunicação e a campanhas públicas de opinião para criticar as doutrinas católicas ou para insistir

sobre situações negativas ou escandalosas, para assim atacar a Igreja. Em síntese, ainda persistem muitas suspeitas acerca das respectivas intenções concretas e das motivações evangélicas dos programas e das atitudes de uns e de outros. Embora muito já tenha sido realizado em termos de purificação das mútuas memórias históricas, algumas Igrejas particulares continuam a afirmar que a recordação de acontecimentos do passado, tanto os mais remotos como os mais recentes, ainda impedem ou obstam os relacionamentos ecuménicos. A purificação das memórias constitui um tema sobre o qual o Papa João Paulo II chamou a nossa atenção em múltiplas ocasiões, e permanece um dos desafios mais cruciais para aqueles que trabalham em prol da unidade dos cristãos.

Algumas respostas evidenciaram a ausência de motivações e de entusiasmo e, em determinados casos, a suspeita de que o ecumenismo debilita a missão evangelizadora da Igreja Católica. Alguns católicos julgam que o ecumenismo compromete a sua fé e que equivale a admitir uma certa inadequação da Igreja Católica, que eles não estão prontos a aceitar. Nalgumas regiões, o número exíguo de cristãos pertencentes às outras Igrejas é considerado como uma justificação para a falta de iniciativas ecuménicas. Noutros lugares, as comunidades evangélicas e pentecostais mais recentes e a utilização indiscriminada do termo “seita” continuam a levantar problemas em todos os continentes. As Comunidades eclesiais (Baptistas, Evangélicas e Pentecostais) com as quais a Igreja Católica mantém um diálogo teológico e relacionamentos internacionais, que em certos casos continuam ao longo das décadas, são incluídas na lista das seitas. Por outro lado, e especialmente na América Latina, as respostas ao mencionado questionário indicaram frequentemente um não-reconhecimento do carácter cristão dos católicos por parte de alguns grupos evangélicos e pentecostais.*

2. A REORGANIZAÇÃO DO ECUMENISMO

O Concílio Ecuménico Vaticano II confiou a tarefa ecuménica de modo especial aos Bispos. O *Directório para a Aplicação dos Princípios e das Normas sobre o Ecumenismo*, por sua vez, recomenda a instituição de Comissões ecuménicas em todas as dioceses, e aos níveis nacionais e regionais, ou pelo menos a designação em cada diocese, de um delegado encarregado de promover o espírito ecuménico e os relacionamentos intereclesiais.

O Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos constatou com satisfação que apenas poucas *Conferências Episcopais* não dispõem de um Departamento ou Comissão para o Ecumenismo. Por outro lado, muitos dos questionários preenchidos recordaram que a acção de tais

* Poderia ser útil recordar que esta dificuldade recíproca constitui o objecto de alguns documentos de estudo elaborados por várias comissões mistas de diálogo (por exemplo, o diálogo católico-pentecostal: *Evangelização, Proselitismo e Testemunho comum*; as “Consultas entre a Igreja Católica e a Aliança Evangélica Mundial”: *A Igreja, a Evangelização e os vínculos da Koinonia*).

comissões ou delegados são limitadas. A este propósito, mencionou-se a falta de continuidade no desenvolvimento de projectos, a necessidade de uma potencialidade humana renovada e mais jovem entre aqueles que estão comprometidos na actividade ecuménica. A nível das *dioceses*, o quadro não é tão positivo: a falta de pessoas, de uma formação específica, de recursos tanto financeiros como de outros tipos significa que a acção ecuménica é muitas vezes deixada à iniciativa espontânea dos fiéis. Por outro lado, nalguns países reconhece-se a presença de florescentes *grupos e associações de ajuda*, formados por pessoas bem preparadas no campo ecuménico, activas na promoção da formação ecuménica nas várias dioceses, nas paróquias, nos seminários e nos grupos em geral. Deve-se prestar maior atenção à identificação de tais peritos e voluntários e ao desenvolvimento da sua formação.

No que concerne à *adesão aos Conselhos de Igrejas*, releveu-se uma mudança substancial nos anos mais recentes. Há quarenta anos, a Igreja Católica ainda não tinha aderido a nenhum destes Conselhos. Actualmente, do total dos 120 Conselhos de Igrejas existentes, ela é membro de 70, e participa em três dos sete Conselhos Regionais de Igrejas e em sete dos Conselhos Regionais de Igrejas, associados ao Conselho Ecuménico das Igrejas, de Genebra*.

Um novo Documento, de próxima publicação, elaborado pelo "Grupo Misto de Trabalho" entre os representantes da Igreja Católica e do Conselho Ecuménico das Igrejas, apresenta uma análise das implicações e das formas de participação católica nos mencionados Conselhos, assim como algumas sugestões para enfrentar as dificuldades e os desafios que impedem a participação católica nalguns lugares.

3. A ACÇÃO ECUMÉNICA DA IGREJA CATÓLICA A NÍVEL LOCAL

No que se refere ao *diálogo*, 42 das 83 Conferências Episcopais que responderam à sondagem do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos confirmaram a presença no seu território de estruturas permanentes de diálogo com as demais Igrejas e Comunidades eclesiais; 38 delas dispõem das suas próprias Comissões mistas de diálogo. No que diz respeito à *recepção dos documentos de diálogo*, somente 35 Conferências Episcopais evidenciam uma boa difusão dos resultados e um debate activo, com a publicação de vários subsídios. Algumas pessoas que preencheram o referido questionário mencionaram também certas iniciativas em curso, em vista de utilizar a *Internet* para a promoção do ecumenismo em determinados países, um aspecto que o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos tem grande interesse em desenvol-

ver. No campo *social*, 44 Conferências Episcopais mencionaram a sua participação em actividades de cooperação com as outras Confissões. Também a este propósito, deve-se admitir que muito ainda pode ser realizado.

A necessidade de uma *formação ecuménica* mais idónea foi um dos temas realçados praticamente por todas as Comissões ecuménicas que responderam ao questionário. Ela deveria valer-se da presença e da contribuição de representantes de outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Com efeito, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos formula votos a fim de que, onde for possível, esta formação seja cada vez mais realizada na colaboração. O Documento elaborado pelo Dicastério ecuménico em 1995: *A dimensão ecuménica da formação de quem se dedica ao ministério pastoral*, que oferece sugestões para um curso de ecumenismo e aconselha os subsídios para o organizar, não é suficientemente conhecido e ainda deve ser amplamente distribuído. [...]

4. ALGUMAS SUGESTÕES DE REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DO ECUMENISMO

A consulta demonstrou que o grau de compromisso na tarefa ecuménica a nível local está a crescer de intensidade e de extensão em toda a Igreja. Num mundo globalizado, os cristãos de todas as Igrejas sentem o desejo de superar a sua situação de divisão. O ecumenismo espiritual conversão da mente e do coração a Jesus Cristo, oração conjunta pela unidade está a reunir à sua volta uma atenção cada vez maior. Os questionários ofereceram numerosas e positivas sugestões para a acção ecuménica futura, evidenciando três aspectos a considerar com urgência, tanto no contexto presente como em ordem ao futuro: 1) incluir as iniciativas ecuménicas nos programas pastorais orgânicos das várias dioceses; 2) promover a formação ecuménica dos leigos, dos religiosos, das religiosas, dos seminaristas, dos sacerdotes e dos bispos; 3) reflectir sobre os modos de enfrentar o problema do proselitismo agressivo.

Num mundo que passou por uma grande transformação nos anos que nos separam do Concílio Ecuménico Vaticano II, a abordagem católica ao restabelecimento da unidade está impregnada de um novo realismo. Resulta mais claro do que nunca que o ecumenismo só pode ser promovido a partir de uma sólida base doutrinal, e de um diálogo rigoroso entre os cristãos divididos.

Sobretudo, compreende-se mais plenamente que a obra em prol da unidade somente pode desenvolver-se no interior de uma espiritualidade convincente e profunda, de uma espiritualidade de esperança cristã e de coragem.

* Conforme os dados de que dispomos, relativos a Setembro de 2004, a Igreja Católica é membro integrante de três Conselhos Regionais de Igrejas: do Caribe, do Médio Oriente e da Região do Pacífico. A Igreja Católica é também membro de 14 Conselhos nacionais cristãos, dos Conselhos de Igrejas na África, de três na Ásia, dez na Oceânia, doze no Caribe, 25 na Europa, um na América Setentrional e cinco na América Meridional. Cf. "Inspired by the same vision": Roman Catholic participation in national and international Councils of Churches, Apêndice E.

Retrospectiva e perspectiva no caminho ecuménico *

Cardeal Walter Kasper

[LUZES E SOMBRAS NO CAMINHO ECUMÉNICO]

Nos quarenta anos transcorridos [após a publicação da “*Unitatis redintegratio*”] a situação ecuménica sofreu uma grande mudança, com luzes e sombras:

As luzes

Alcançámos uma situação intermédia, na qual a recepção e a consciência ecuménica na Igreja cresceu; cresceram também as expectativas e por vezes a impaciência. [...]

Através dos diálogos, tanto internacionais como regionais e locais, eliminámos muitos desentendimentos e preconceitos, superámos diferenças do passado, aprofundámos e enriquecemos a comunhão na fé, e estabelecemos muitas amizades.

Na maior parte das situações na Igreja, a convivência e a colaboração ecuménica pertencem à vida eclesial quotidiana das paróquias e das dioceses; o ecumenismo faz integral e normalmente parte da vida da Igreja.

Antes de mais, estamos gratos pelos grupos de oração ecuménica e pela rede espiritual entre mosteiros, conventos, comunidades e movimentos. Graças a Deus, o ecumenismo espiritual está a crescer. Não existe uma época ecuménica “glacial”.

As sombras

Por vezes persistem antigos preconceitos; muitas vezes a memória do passado pesa sobre o presente e impede um futuro comum. Também se devem lamentar preguiças e limites, e um fechamento das Igrejas e Comunidades eclesiais em si mesmas. Inversamente, o ecumenismo torna-se por vezes presa de um activismo superficial ou uma questão de relações meramente formais de cortesia, de diplomacia, isto é, de burocracia.

A imagem do ecumenismo, do modo como é entendido pela Igreja, por vezes é deturpado por mal-entendidos e abusos, que não só não ajudam, mas provocam reacções contrárias e são contraproducentes. O ecumenismo só terá futuro se estiver baseado na doutrina e na disciplina da Igreja.

Confrontamo-nos hoje com novos desafios: por um lado, o relativismo e o pluralismo qualitativo pós-moderno, que já não apresenta a questão da verdade, e, por outro, um fundamentalismo agressivo exercido por seitas antigas e novas, com as quais não é possível na maior parte dos casos estabelecer um diálogo que se distingue pelo respeito.

Nalgumas Comunidades eclesiais verifica-se uma espécie de liberalismo doutrinal e sobretudo ético, que gera novas divergências tanto no âmbito destas Comunidades, como entre elas e a Igreja Católica. Estes progressos chamados progressistas minam de facto o progresso ecuménico. O verdadeiro ecumenismo é ecumenismo na caridade e na verdade.

[PERSPECTIVA FUTURA NO CAMINHO ECUMÉNICO]

Os bons frutos até agora alcançados e os novos desafios exigem uma clara e concordada concepção do futuro do movimento ecuménico.

Torna-se necessária uma reflexão aprofundada e partilhada com base no ecumenismo: o Baptismo comum e a fé baptismal: a profissão do Deus trinitário e de Jesus Cristo como único Salvador e Redentor juntamente com o compromisso de viver segundo os mandamentos de Deus e o espírito do Evangelho. Não é suficiente um vago espírito de família. Devemos promover a formação ecuménica sobre aquilo que nos une e o que ainda nos divide. A ignorância e a indiferença da própria fé e da fé do próximo são impedimentos para um verdadeiro ecumenismo.

É necessário esclarecer a finalidade das actividades ecuménicas: a plena comunhão na fé, nos sacramentos e no ministério apostólico. Não se deve confundir esta comunhão com a uniformidade; ela dá espaço a uma legítima diversidade de expressão, de espiritualidade, de rito, de teologia, de inculturação, etc. Entretanto o ecumenismo progride graças ao intercâmbio de dons, que não consiste num empobrecimento, mas que constitui um enriquecimento. Assim o movimento ecuménico ajuda a alcançar a realização concreta e plena da catolicidade.

O ecumenismo não é uma finalidade em si mesmo, está relacionado com a evangelização. [...]

Em última análise, o processo ecuménico é uma aventura do Espírito Santo e um processo espiritual. O ecumenismo espiritual é, por conseguinte, o próprio centro do ecumenismo: ou seja, conversão e renascimento, santidade e vida segundo o evangelho, oração privada e comum. Por isso, estamos gratos a todos os que rezam em privado pela unidade, aos grupos de oração comum, às redes espirituais que unem mosteiros, conventos, comunidades e movimentos espirituais. Estamos decididos a promover este ecumenismo espiritual.

* © Copyright 2005 – Libreria Editrice Vaticana

A situação ecuménica em mudança *

Papa Bento XVI

Estamos a viver hoje um período de grandes transformações em quase todos os sectores da vida; portanto, não nos podemos admirar se isto incide também sobre a vida da Igreja e sobre os relacionamentos entre os cristãos.

Todavia, é necessário reconhecer desde o princípio que, apesar da presença de mudanças de situações, de sensibilidades e de problemáticas, contudo a finalidade do movimento ecuménico permanece imutável: a *unidade visível da Igreja*. Como se sabe, o Concílio Vaticano II considerou como uma das suas principais intenções o restabelecimento da plena unidade entre todos os cristãos (cf. *Unitatis redintegratio*, 1). Também eu tenho esta intenção. É de bom grado que aproveito esta oportunidade para reiterar e confirmar, com renovada convicção, aquilo que já afirmei no início do meu ministério sobre a Cátedra de Pedro: “O seu [de Pedro] sucessor actual – disse então – assume como compromisso prioritário, o de trabalhar sem poupar energias pela reconstituição da unidade plena e visível de todos os seguidores de Cristo. Esta é a sua ambição, este é o seu dever urgente”. Sucessivamente, acrescentei: “O actual sucessor de Pedro deixa-se interpelar pessoalmente por esta interrogação e está disposto a fazer tudo o que puder para promover a causa fundamental do ecumenismo” (*Insegnamenti*, vol. I, 2005, pág. 11).

Na verdade, desde o Concílio Vaticano II até hoje deram-se muitos passos rumo à plena comunhão. Tenho diante dos meus olhos a imagem da Sala do Concílio, onde os Observadores delegados das outras Igrejas e Comunidades eclesiais estavam atentos, mas silenciosos. Nas décadas sucessivas, esta imagem cedeu lugar à realidade de uma Igreja em diálogo com todas as Igrejas e Comunidades eclesiais do Oriente e do Ocidente. *O silêncio transformou-se em palavras de comunhão*. Um trabalho enorme realizou-se tanto a nível universal como local. A fraternidade entre todos os cristãos foi redescoberta e restabelecida como condição de diálogo, de cooperação, de oração comum e de solidariedade. É quanto o meu Predecessor

Papa João Paulo II, de feliz memória, pôs em evidência na Carta Encíclica sobre o compromisso ecuménico onde, entre outras coisas, afirmou de maneira explícita que o “fruto precioso das relações entre os cristãos e do diálogo teológico que eles realizam, é o crescimento da comunhão. De facto, tais iniciativas tornaram os cristãos conscientes dos elementos de fé que têm em comum” (*Ut unum sint*, 49). Esta Encíclica ressaltava os frutos positivos das realizações ecuménicas entre os cristãos, tanto do Oriente como do Ocidente. [...]

Todavia, na realidade temos que reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer. Sob muitos aspectos, a situação mudou desde o Concílio Vaticano II [...]. As rápidas transformações no mundo tiveram as suas repercussões também sobre o ecumenismo. Na época do Concílio, muitas das veneradas Igrejas do Oriente viviam em condições de opressão, perpetrada por regimes ditatoriais. Hoje, elas recuperaram a liberdade e estão comprometidas num vasto processo de reorganização e de revitalização. Estamos próximos delas através dos nossos sentimentos e da nossa oração. A parte oriental e a parte ocidental da Europa estão a aproximar-se; isto estimula as Igrejas a coordenarem os seus esforços relativos à salvaguarda da tradição cristã e do anúncio do Evangelho às novas gerações. Tal colaboração torna-se particularmente urgente em virtude da situação de avançada secularização, sobretudo do mundo ocidental. Felizmente, depois de um período de diversificadas dificuldades, o diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas adquiriu um renovado impulso. A Comissão mista internacional de diálogo pôde encontrar-se positivamente em Belgrado, onde foi hospedada com generosidade pela Igreja ortodoxa da Sérvia. Nutrimos grande esperança pelo caminho futuro, que será percorrido no respeito pelas legítimas variedades teológicas, litúrgicas e disciplinares, em vista de alcançar uma comunhão cada vez mais completa, de fé e de amor, em que seja possível um intercâmbio cada vez mais profundo entre as riquezas espirituais de todas as Igrejas.

* Discurso aos participantes na sessão plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (17 de Novembro de 2006).

Também com as Comunidades eclesiais do Ocidente mantemos vários diálogos bilaterais, abertos e amistosos, que denotam progressos no conhecimento recíproco, na superação de preconceitos, na confirmação de algumas convergências e na própria identificação mais específica das autênticas divergências. Gostaria de mencionar, sobretudo, a “*Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*”, alcançada no diálogo com a Federação Luterana Mundial, e o facto de que a esta Declaração o Conselho Metodista Mundial por sua vez deu o próprio consentimento. Entretanto, surgiram várias importantes problemáticas, que exigem um aprofundamento e um acordo. Subsiste, acima de tudo, a dificuldade de encontrar uma concepção comum sobre a relação entre o Evangelho e a Igreja e, a este propósito, sobre o mistério da Igreja e da sua unidade, assim como sobre a questão do ministério da Igreja. Sucessivamente, manifestaram-se outras dificuldades no campo ético, com a consequência que as diferentes posições assumidas pelas Confissões cristãs, sobre as correntes problemáticas, reduziram a sua incidência orientativa diante da opinião pública. Precisamente deste ponto de vista, é necessário um aprofundado diálogo sobre a antropologia cristã, mas também acerca da interpretação do Evangelho e da sua aplicação concreta.

De qualquer maneira, o que deve ser promovido prioritariamente é o ecumenismo do amor, que deriva de forma direc-

ta do novo mandamento legado por Jesus aos seus discípulos. Acompanhado por gestos coerentes, o amor suscita a confiança, fazendo abrir os corações e os olhos. Por sua própria natureza, o diálogo da caridade promove e ilumina o diálogo da verdade: com efeito, é na verdade completa que se realizará o encontro definitivo, ao qual conduz o Espírito de Cristo. Sem dúvida, não é o relativismo ou o fácil e falso irenismo que resolve a investigação ecuménica. Pelo contrário, eles deturpam-na e desorientam-na. Além disso, é preciso intensificar a formação ecuménica, partindo dos fundamentos da fé cristã, ou seja, do anúncio do amor de Deus, que se revelou no rosto de Jesus Cristo e, contemporaneamente, em Cristo também desvelou o homem ao próprio homem, levando-o a compreender a sua excelsa vocação (cf. *Gaudium et spes*, 22). Estas duas dimensões essenciais são sustentadas pela colaboração concreta entre os cristãos, que “*exprime vivamente aquela união que já existe entre eles, e põe em luz mais plena a face de Jesus Cristo [servo]*” (*Unitatis redintegratio*, 12).

Para concluir estas minhas palavras, desejo confirmar a importância totalmente especial do ecumenismo espiritual. Portanto, justamente o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos compromete-se em tal ecumenismo, alicerçando-se na oração, na caridade e na conversão do coração, tendo em vista uma renovação pessoal e comunitária.



Declarações Conjuntas *

DECLARAÇÃO CONJUNTA DO PAPA BENTO XVI E DO ARCEBISPO DE CANTERBURY, ROWAN WILLIAMS

Há quarenta anos, encontraram-se nesta cidade santificada pelo ministério e o sangue dos Apóstolos Pedro e Paulo os nossos predecessores, Papa Paulo VI e Arcebispo Michael Ramsey.

Começaram um novo percurso de reconciliação, assente nos Evangelhos e nas antigas tradições comuns. Séculos de desavença entre anglicanos e católicos cederam o lugar a um vivo desejo de colaboração e cooperação, quando foi novamente descoberta e confirmada a comunhão real, embora incompleta, que possuímos. Naquela ocasião, o Papa Paulo VI e o Arcebispo Ramsey comprometeram-se a instaurar um diálogo pelo qual questões que nos dividiram no passado pudessem ser orientadas a partir duma nova perspectiva com verdade e amor.

Desde aquele encontro, a Igreja Católica Romana e a Comunhão Anglicana entraram num processo de diálogo fecundo, que se tem caracterizado pela descoberta de significativos elementos de fé que compartilhamos e por um desejo de manifestar o que temos em comum, através conjuntamente da oração, do testemunho e do serviço. Ao longo de trinta e cinco anos, a Comissão Internacional Anglicana e Católica Romana (ARCIC) publicou uma série de documentos importantes procurando articular a fé que compartilhamos. Nos dez anos passados desde a última Declaração Comum que foi assinada pelo Papa e pelo Arcebispo de Cantuária, a segunda fase da ARCIC levou a termo o seu mandato tendo publicado os documentos *O Dom da Autoridade* (1999) e *Maria: Graça e Esperança em Cristo* (2005). Estamos gratos aos teólogos que rezaram e trabalharam conjuntamente na preparação destes textos que aguardam ulterior estudo e reflexão.

O verdadeiro ecumenismo estende-se para além do diálogo teológico, abrangendo a nossa vida espiritual e o testemunho comum. À medida que o nosso diálogo vai progredindo, o amor a Cristo, que tantos católicos e anglicanos têm descoberto uns nos outros, convida-nos à cooperação e ao

serviço concretos. Esta solidariedade no serviço de Cristo, experimentada por muitas das nossas comunidades no mundo inteiro, fornece novo ímpeto ao nosso relacionamento. A Comissão Internacional Anglicana e Católica Romana para a Unidade e a Missão (IARCCUM) tem-se empenhado na busca dos caminhos apropriados para se conseguir apressar e robustecer a nossa missão comum de proclamar ao mundo a vida nova em Cristo. O seu relatório, que apresenta um resumo das conclusões centrais da ARCIC e, simultaneamente, faz propostas para crescermos juntos na missão e no testemunho, foi recentemente concluído e submetido, para revisão, ao Departamento da Comunhão Anglicana e ao Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e aqui lhes deixamos o testemunho da nossa gratidão pelo seu trabalho.

Nesta visita fraterna, celebramos todo o bem que nasceu destas quatro décadas de diálogo.

Agradecemos a Deus os dons de graça com que as favoreceu. Ao mesmo tempo, o longo caminho que fizemos em comum obriga-nos a reconhecer publicamente o desafio posto por novos desenvolvimentos que, além de suscitar divisões entre os anglicanos, levantam sérios obstáculos no nosso percurso ecuménico. Por isso, torna-se premente que, ao renovar o nosso compromisso de prosseguirmos pela senda que conduz à plena comunhão visível na verdade e no amor de Cristo, nos empenhemos, no nosso diálogo permanente, a abordar também os graves problemas resultantes do aparecimento de tais factores eclesiológicos e éticos que tornam este caminho mais difícil e árduo.

Como líderes cristãos chamados a enfrentar os desafios do novo milénio, reafirmamos o nosso público devotamento à revelação da vida divina, singularmente iniciada por Deus na divindade e humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Acreditamos que a purificação e a reconciliação nos são oferecidas, a nós e ao mundo, através de Cristo e dos meios de salvação n'Ele instituídos.

Muitas são as áreas de testemunho e serviço em que podemos dar-nos as mãos e que, de facto, clamam por uma cooperação mais estreita entre nós: a busca da paz na

* © Copyright 2006 – Libreria Editrice Vaticana.

Terra Santa e noutras partes do mundo transtornadas por conflitos e ameaças de terrorismo; promoção do respeito pela vida humana desde a concepção até à morte natural; defesa da sacralidade do matrimónio e do bem-estar dos filhos no âmbito duma vida familiar sadia; ajuda aos pobres, aos oprimidos e aos mais vulneráveis, especialmente a quantos são perseguidos por causa da sua fé; superação dos efeitos negativos do materialismo; e cuidado da criação e do meio ambiente. Comprometemo-nos também no diálogo inter-religioso pelo qual poderemos caminhar juntos ao encontro dos nossos irmãos e irmãs não cristãos.

Côncios destes nossos quarenta anos de diálogo e do testemunho dos santos e santas comuns às nossas tradições, nomeadamente Maria, a Theotókos, os santos Pedro e Paulo, Bento, Gregório Magno e Agostinho de Cantuária, comprometemo-nos a uma oração mais fervorosa e a um esforço mais diligente a fim de acolher e viver segundo aquela verdade para a qual o Espírito do Senhor deseja conduzir os seus discípulos (cf. *Jo* 16, 13). Confiados na esperança apostólica “de que Aquele que começou em vós esta boa obra, a completará” (cf. *Fl* 1, 6), acreditamos que, se conseguirmos juntos ser instrumentos de Deus para chamar todos os cristãos a uma obediência mais profunda a Nosso Senhor, aproximar-nos-emos também mais estreitamente uns dos outros, encontrando na sua vontade a plenitude da unidade e a vida comum para a qual Ele nos convida.

Vaticano, 23 de Novembro de 2006.

DECLARAÇÃO CONJUNTA DO PAPA BENTO XVI E DO PATRIARCA BARTOLOMEU I

“Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e alegremo-nos nele!” (Sl 117, 24).

O encontro fraterno realizado por nós, Bento XVI, Papa de Roma, e Bartolomeu I, Patriarca Ecuménico, é obra de Deus e além disso um dom que provém d'Ele. Demos graças ao Autor de todo o bem, que nos permite ainda uma vez, na oração e no intercâmbio, expressar a nossa alegria de sentirmo-nos irmãos e de renovar o nosso compromisso em vista da plena comunhão. Este compromisso provém-nos da vontade do nosso Senhor e da nossa responsabilidade de Pastores na Igreja de Cristo. Possa o nosso encontro ser um sinal e um encorajamento para nós, a compartilharmos os mesmos sentimentos e as mesmas atitudes de fraternidade, de colaboração e de comunhão na caridade e na verdade. O Espírito Santo ajudar-nos-á a preparar o grande dia do restabelecimento da plena unidade, quando e como Deus o quiser. Então, poderemos alegrar-nos e exultar verdadeiramente.

1. Evocámos com gratidão os encontros dos nossos venerados predecessores, abençoados pelo Senhor: eles mostraram ao mundo a urgência da unidade e traçaram cami-

nhos seguros para a alcançar no diálogo, na oração e na vida eclesial quotidiana. O Papa Paulo VI e o Patriarca Ate-nágoras I, peregrinos em Jerusalém, ao mesmo lugar onde Jesus morreu e ressuscitou para a salvação do mundo, encontraram-se depois novamente aqui no Fanar e em Roma. Eles deixaram-nos uma declaração conjunta que conserva todo o seu valor, sublinhando que o verdadeiro diálogo da caridade deve sustentar e inspirar todos os relacionamentos entre as pessoas e entre as próprias Igrejas, “deve ser enraizado numa total fidelidade ao único Senhor Jesus Cristo e no respeito mútuo das próprias tradições” (*Tomos Agapis*, 195). Não esquecemos o intercâmbio de visitas entre Sua Santidade o Papa João Paulo II e Sua Santidade Dimitrios I. Foi precisamente durante a visita do Papa João Paulo II, a sua primeira visita ecuménica, que foi anunciada a criação da Comissão mista para o diálogo teológico entre a Igreja católica romana e a Igreja ortodoxa. Ela reuniu as nossas Igrejas com a declarada finalidade de restabelecer a plena comunhão.

No que diz respeito às relações entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla, não podemos esquecer o solene acto eclesial que relegou ao esquecimento as antigas excomunhões que, ao longo dos séculos, influenciaram negativamente as relações entre as nossas Igrejas. Ainda não tiramos deste acto todas as consequências positivas que disto podem derivar para o nosso caminho rumo à plena unidade, para o qual a Comissão mista é chamada a dar uma importante contribuição. Exortamos os nossos irmãos a participarem activamente neste processo, com a oração e com gestos significativos.

2. Por ocasião da sessão plenária da Comissão mista para o diálogo teológico que se realizou recentemente em Belgrado e hospedada generosamente pela Igreja ortodoxa sérvia, expressámos a nossa profunda alegria pela retomada do diálogo teológico. Depois de uma interrupção de alguns anos, devido a várias dificuldades, a Comissão pôde trabalhar de novo num espírito de amizade e de colaboração. Tratando o tema: “Conciliaridade e autoridade na Igreja” a nível local, regional e universal, ela empreendeu uma fase de estudo sobre as consequências eclesiológicas e canónicas da natureza sacramental da Igreja. Isto permitirá enfrentar algumas das principais questões ainda controvertidas. Como no passado, estamos decididos a sustentar incessantemente o trabalho confiado a esta Comissão, enquanto acompanhamos seus membros com as nossas orações.

3. Como Pastores, reflectimos antes de tudo sobre a missão de anunciar o Evangelho no mundo de hoje. Esta missão: “Ide, pois, ensinai todas as nações” (*Mt* 28, 19), hoje é mais actual e necessária do que nunca, também em países tradicionalmente cristãos. Além disso, não podemos ignorar o crescimento da secularização, do relativismo e mesmo do niilismo, sobretudo no mundo ocidental. Tudo isto exige um renovado e vigoroso anúncio do Evangelho, adequado às culturas do nosso tempo. As nossas tradições representam para nós um património que deve ser continuamente com-

partilhado, proposto e actualizado. Por este motivo, devemos reforçar as colaborações e o nosso testemunho comum diante de todas as nações.

4. Analisámos positivamente o caminho rumo à formação da União Europeia. Os autores desta grande iniciativa não deixarão de levar em consideração todos os aspectos que se referem à pessoa humana e os seus direitos inalienáveis, sobretudo a liberdade religiosa, testemunha e garantia do respeito por todas as outras liberdades. Em cada iniciativa de unificação, as minorias devem ser protegidas, com as suas tradições culturais e as suas especificidades religiosas. Na Europa, embora permanecendo abertos às outras religiões e à sua contribuição para a cultura, nós devemos unir os nossos esforços para preservar as raízes, as tradições e os valores cristãos, para assegurar o respeito pela história, como também a fim de contribuir para a cultura da futura Europa, para a qualidade dos relacionamentos humanos a todos os níveis. Neste contexto, como deixar de citar as antiquíssimas testemunhas e o ilustre património cristão da terra onde tem lugar o nosso encontro, a começar por aquilo que nos diz o livro dos Actos dos Apóstolos, evocando a figura de São Paulo, Apóstolo das Nações. Nesta terra, a mensagem do Evangelho e a antiga tradição cultural consolidaram-se. Este vínculo, que tanto contribuiu para a herança cristã que é comum a nós, permanece actual e ainda no futuro dará frutos para a evangelização e para a nossa unidade.

5. Dirigimos o nosso olhar para os lugares do mundo de hoje onde vivem os cristãos e para as dificuldades que eles devem enfrentar, em particular a pobreza, as guerras e o terrorismo, mas também as diversas formas de exploração dos pobres, dos emigrados, das mulheres e das crianças. Nós somos chamados a empreender em conjunto acções a favor do respeito pelos direitos do homem, de cada ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, assim como pelo desenvolvimento económico, social e cultural. As nossas tradições teológicas e éticas podem oferecer uma base sólida para a pregação e a acção comuns. Antes de tudo, queremos afirmar que a morte de pessoas inocentes em nome de Deus é uma ofensa a Ele e à dignidade humana. Todos nós devemos comprometer-nos num renovado serviço ao homem e à defesa da vida humana, de cada vida humana.

Temos profundamente a peito a paz no Médio Oriente, onde nosso Senhor viveu, sofreu, morreu e ressuscitou e onde, há muitos séculos, vive uma multidão de irmãos cristãos. Desejamos ardentemente que a paz seja restabelecida nesta terra, que se revigore a coexistência cordial entre as suas diversas populações, entre as Igrejas e as várias religiões que aqui se encontram. Com esta finalidade, encorajamos a estabelecer relações mais estreitas entre os cristãos e um diálogo inter-religioso autêntico e leal, para combater todas as formas de violência e de discriminação.

6. Na época actual, diante dos grandes perigos para o ambiente natural, queremos expressar a nossa preocupa-

ção pelas consequências negativas que possam derivar para a humanidade e para toda a criação, de um progresso económico e tecnológico que não reconhece os seus próprios limites. Como líderes religiosos, consideramos um dos nossos deveres encorajar e sustentar os esforços envidados para proteger a criação de Deus e para deixar às gerações vindouras uma terra na qual possam viver.

7. Enfim, dirigimos o nosso pensamento a todos vós, fiéis das nossas Igrejas presentes em todas as partes do mundo, bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas, homens e mulheres leigos comprometidos num serviço eclesial, bem como a todos os baptizados. Saudamos em Cristo os outros cristãos, assegurando-lhes a nossa oração e a nossa disponibilidade ao diálogo e à colaboração. Saudamos todos com as palavras do Apóstolo das Nações: “Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (2 Cor 1, 2).

Fanar, 30 de Novembro de 2006.

DECLARAÇÃO CONJUNTA DO PAPA BENTO XVI E DE SUA BEATITUDE CHRISTODOULOS

1. Nós, Bento XVI, Papa e Bispo de Roma, e Christodoulos, Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia, neste lugar sagrado de Roma, tornado ilustre pela pregação evangélica e pelo martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, desejamos viver cada vez mais intensamente a nossa missão de dar um testemunho apostólico, de transmitir a fé aos que estão próximos e a quantos estão distantes e anunciar-lhes a Boa Nova do nascimento do Salvador, que vamos celebrar, uns e outros, proximamente. É também nossa comum responsabilidade superar, *no amor e na verdade*, as numerosas dificuldades e as experiências dolorosas do passado, para glória de Deus, Trindade Santa, e da sua santa Igreja.

2. O nosso encontro *na caridade* torna-nos em primeiro lugar conscientes da nossa tarefa comum: percorrer juntos o caminho árduo do *diálogo na verdade* em vista de restabelecer a plena comunhão de fé no vínculo do amor. Desta forma obedeceremos ao mandamento divino e realizaremos a oração de nosso Senhor Jesus Cristo e, iluminados pelo Espírito Santo que acompanha e nunca abandona a Igreja de Cristo, prosseguiremos o nosso compromisso neste caminho, seguindo o exemplo apostólico e dando provas de amor recíproco e de espírito de reconciliação.

3. Reconhecemos os passos importantes realizados no diálogo da caridade e pelas decisões do Concílio Vaticano II em matéria de relações recíprocas. Por outras palavras, esperamos que o diálogo teológico bilateral faça frutificar estes elementos positivos para formular propostas aceitáveis de ambas as partes num espírito de reconciliação, a exemplo do nosso ilustre Padre da Igreja, São Basílio o Grande, que, durante um período de múltiplas divisões do

corpo eclesial, dizia estar persuadido de "que com a comunicação recíproca mais duradoura e os diálogos sem espírito de contenda, e se necessário que sejam acrescentados novos esclarecimentos, o Senhor providenciará, ele que faz cooperar todas as coisas para o bem de quantos o amam" (Carta 113).

4. Afirmamos unanimemente a necessidade de perseverar no caminho de um diálogo teológico construtivo. Pois, não obstante as dificuldades verificadas, este caminho é uma das vias fundamentais de que dispomos para restabelecer a unidade tão desejada do corpo eclesial à volta do altar do Senhor, assim como para fortalecer a credibilidade da mensagem cristã num período de perturbações nas sociedades, que vivemos, mas também de grandes buscas espirituais, num grande número dos nossos contemporâneos, que estão também apreensivos perante a globalização crescente, que por vezes ameaça o homem, até na sua existência e na sua relação com Deus e com o mundo.

5. De modo muito especial, renovamos solenemente o nosso desejo de anunciar ao mundo o Evangelho de Jesus Cristo, e sobretudo às novas gerações, porque "o amor de Cristo nos constrange" (2 Cor 5, 14), de lhes fazer descobrir o Senhor que veio ao nosso mundo para que todos tenham vida, e a tenham em abundância. Isto é particularmente importante nas nossas sociedades nas quais numerosas correntes de pensamento afastam de Deus e não dão sentido à existência. Desejamos anunciar o Evangelho de graça e de amor para que todos os homens estejam, também eles, em comunicação com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo e para que a sua alegria seja perfeita.

6. Pensamos que as religiões têm um papel a desempenhar para garantir a irradiação da paz no mundo e que elas não devem ser absolutamente focos de intolerância nem de violência. Como chefes religiosos cristãos, exortamos juntos todos os chefes religiosos a prosseguir e a incrementar o diálogo inter-religioso, e a trabalhar para criar uma sociedade de paz e de fraternidade entre as pessoas e entre os povos. Esta é uma das missões das religiões. É neste sentido que os cristãos trabalham e desejam continuar a sua acção no mundo, com todos os homens e mulheres de boa vontade, num espírito de solidariedade e de fraternidade.

7. Queremos prestar homenagem ao impressionante progresso realizado em todos os âmbitos da *ciência*, sobretudo no que diz respeito ao homem, convidando todavia os Responsáveis e os cientistas ao respeito do carácter sagrado da pessoa humana e da sua dignidade, porque a vida é um dom divino. Preocupa-nos ver que as ciências praticam experiências sobre o ser humano, que não respeitam nem a dignidade nem a integridade da pessoa em todas as etapas da sua existência, desde a concepção até ao seu termo natural.

8. Pedimos igualmente que sejam dadas provas de sensibilidade para *proteger mais eficazmente*, nos nossos países, na Europa e a nível internacional, os *direitos fundamentais*

do homem, fundados na dignidade da pessoa criada à imagem de Deus.

9. Auspiciamos uma colaboração fecunda para fazer redescobrir aos nossos contemporâneos as raízes cristãs do Continente europeu, que forjaram as diferentes nações e contribuíram para o desenvolvimento dos vínculos cada vez mais harmoniosos entre elas. Isto ajudá-los-á a viver e a promover os valores humanos e espirituais fundamentais, quer para as pessoas quer para o progresso das próprias sociedades.

10. Reconhecemos os merecimentos dos progressos da *tecnologia* e da *economia* para um grande número de sociedades modernas. No entanto, convidamos também os países ricos a dedicar maior atenção aos países em vias de desenvolvimento e aos países mais pobres, num espírito de partilha solidária e reconhecendo que todos os homens são nossos irmãos e que nos compete ajudar os mais pequenos e os mais pobres, que são os amados do Senhor. Neste sentido, é importante também não explorar de maneira abusiva a criação, que é obra de Deus. Fazemos apelo às pessoas que desempenham responsabilidades na sociedade e a todos os homens de boa vontade para que todos se comprometam numa gestão racional e respeitosa *da criação, para que seja correctamente administrada*, com preocupação pela solidariedade, sobretudo em relação aos povos que padecem fome, e para deixar às gerações futuras uma terra verdadeiramente habitável para todos.

11. Em virtude das nossas comuns convicções, reafirmamos o nosso desejo de colaborar para o progresso da sociedade, numa cooperação construtiva, ao serviço do homem e dos povos, e dando testemunho da fé e da esperança que nos animam.

12. Pensando de modo especial nos fiéis ortodoxos e católicos, nós os saudamos e os confiamos a Cristo Salvador, para que sejam testemunhas infatigáveis do amor de Deus, e elevamos uma fervorosa oração para que o Senhor conceda a todos os homens o dom da paz, na caridade e na unidade da família humana.

Vaticano, 14 de Dezembro de 2006.

3ª ASSEMBLEIA ECUMÉNICA EUROPEIA

Sibiu (Roménia), 4 - 8 de Setembro de 2007

“A luz de Cristo brilha sobre todos”

CARTAAOS CRISTÃOS DA EUROPA

Caras irmãs e irmãos em Cristo de toda a Europa,

Graça e paz a todos vós!

Como representantes das Igrejas, conferências episcopais, movimentos e organizações ecuménicas, viajámos de 44 países até Roma, onde tivemos, durante a semana de oração pela unidade dos Cristãos, um encontro de 24 a 27 de Janeiro de 2006. Reunimo-nos em oração, reflexão, e lançamos o processo da Terceira Assembleia Ecuménica Europeia (3AEE).

Tendo-nos comprometido, nós próprios, numa jornada comum, procuramos construir em conjunto uma mútua confiança e compreensão no trabalho e na oração. Esforçamo-nos também na procura de uma espiritualidade alicerçada na Palavra de Deus. Através da oração e acção, esperamos ver renovado entusiasmo na nossa caminhada ecuménica. Temos sido encorajados para seguir o único Deus - Pai, Filho e Espírito Santo - que é a fonte de comunhão/*koinonia* e amor.

Cada Cristão é cordialmente convidado a juntar-se a esta peregrinação de esperança e dar testemunho comum caminhando com Cristo na descoberta de uma nova vocação para a Europa. O nosso continente tem andado importantes degraus, política e culturalmente, contudo, exploração, exclusão, opressão e violência ainda são enormes obstáculos no nosso caminho. Neste contexto procuramos inspiração no nosso tema: **“A luz de Cristo brilha sobre todos. Esperança para renovação e unidade na Europa”**. Procuramos ser fiéis num novo contexto Europeu, onde a fé é muitas vezes marginalizada. A nossa tarefa será iluminada pelo amor de Cristo e o poder do Espírito Santo, que cura as feridas da humanidade.



Encorajamo-vos, irmãs e irmãos em Cristo a vos envolverdes nos programas das instituições Europeias, as quais, também elas trabalham na procura da justiça e esperança para o nosso continente. A luz de Cristo ajudar-nos-á a todos a trabalhar para a reconciliação e unidade do nosso mundo dividido.

Há muitas maneiras de estarmos envolvidos na terceira Assembleia Ecuménica Europeia. A segunda etapa começou. Por exemplo, podeis

- começar a orar por esta caminhada ecuménica.
- juntar-se nas celebrações e encontros em muitos países da Europa.
- visitar o site da internet (www.eea3.org) que vos informa correctamente sobre o que está a acontecer e providencia ideias, documentos e outros materiais
- encorajar outros a contribuir com ideias
- partilhar os projectos em que estais envolvidos.

A terceira etapa do processo terá lugar em Lutherstadt-Wittenberg, na Alemanha, em Fevereiro de 2007. Este encontro reunirá os frutos de vários acontecimentos nacionais e regionais, e contribuirá para a Assembleia de Sibiu, Roménia, em Setembro de 2007.

A terceira Assembleia Ecuménica Europeia alicerça-se sobre duas outras, que tiveram lugar em Basileia em 1989 e em Graz em 1997 e sobre a *Charta Oecumenica* (www.ccee.ch e www.cec-kek.org), assinada em Estrasburgo em 2001. Ela não é um fim em si, mas uma etapa na resposta que os Cristãos Europeus deram à oração de Cristo “que todos sejam um” (João 17, 21). Durante a celebração solene das vésperas, na conclusão da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2006, Bento XVI afirmou o seguinte: “Quanto caminho temos à nossa frente! Mas não percamos a confiança, aliás retomemos o caminho juntos com mais entusiasmo. Cristo precede-nos e acompanha-nos. Nós prosseguimos atrás da sua presença indefectível; d’Ele imploramos humilde e incansavelmente o precioso dom da unidade e da paz”.

Juntemo-nos todos nesta caminhada!

Temas de Estudo da 3AEE *

(CHARTA OECUMENICA)

TEMA 1: UNIDADE (CH. OEC. N. 1)

Em conformidade com o Evangelho de Jesus Cristo, como testemunhado na Sagrada Escritura, e formulado no Credo de Niceia-Constantinopla (381), acreditamos no Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo. A partir do momento em que, com este Credo, professamos a Igreja “Una, Santa, Católica e Apostólica”, o nosso iniludível dever ecuménico consiste em tornar visível esta unidade, que é sempre dom de Deus.

Diferenças essenciais no plano da fé impedem ainda a unidade visível. Subsistem concepções diferentes, sobretudo a propósito da Igreja e da sua unidade, dos sacramentos e dos ministérios. Não nos é concedido resignar-nos com esta situação. Jesus Cristo revelou-nos na cruz o seu amor e o segredo da reconciliação: daí que queiramos fazer o melhor possível para superar os problemas e os obstáculos que ainda dividem as Igrejas.

Comprometemo-nos:

- em seguir a exortação apostólica à unidade, da epístola aos Efésios (Ef 4, 3-6), e a esforçar-nos com perseverança por conseguir uma compreensão comum da mensagem salvífica de Cristo, contida no Evangelho;
- em trabalhar, na força do Espírito Santo, pela unidade visível da Igreja de Jesus Cristo, na única fé, que encontra a sua expressão no recíproco reconhecimento do baptismo e na partilha eucarística, mas também no testemunho e no serviço comum.

TEMA 2: ESPIRITUALIDADE (CH. OEC. N. 5)

O ecumenismo vive do facto de escutarmos juntos a Palavra de Deus e deixarmos que o Espírito Santo opere em nós e através de nós. Por força da graça assim recebida, existem hoje múltiplos esforços, por meio de orações e celebrações, tendentes a aprofundar a comunhão espiritual entre as Igrejas, e a rezar pela unidade visível da Igreja de Cristo. Um sinal particularmente doloroso da divisão ainda existente entre muitas Igrejas cristãs é a falta de partilha eucarística.

Em algumas Igrejas existem reservas em relação à oração ecuménica em comum. Todavia, numerosas celebrações

ecuménicas, cantos e orações comuns, em particular o Pai-Nosso, caracterizam a nossa espiritualidade cristã.

Comprometemo-nos:

- em rezar uns pelos outros e pela unidade dos cristãos;
- em aprender a conhecer e a apreciar as celebrações e as outras formas de vida espiritual das outras Igrejas;
- em diligenciar no sentido do objectivo da comunhão eucarística.

TEMA 3: TESTEMUNHO (CH. OEC. N. 2)

O dever mais importante das Igrejas na Europa é o de anunciar juntas o Evangelho, através da palavra e da acção, para a salvação de todos os seres humanos. Face à multiforme falta de referências, ao afastamento dos valores cristãos, mas também à variegada procura de sentido, as cristãs e os cristãos são particularmente solicitados a testemunhar a sua própria fé. Para tanto, impõem-se, a nível local, um maior empenho e uma troca de experiências no plano de catequese e da pastoral. Ao mesmo tempo, é importante que todo o povo de Deus se empenhe junto em espalhar o Evangelho, dentro do espaço público da sociedade, e em conferir-lhe valor e credibilidade também através do empenho social e da assunção de responsabilidades no campo político.

Comprometemo-nos:

- em fazer conhecer às outras Igrejas as nossas iniciativas para a evangelização, e em estabelecer acordos a propósito, para assim evitar uma concorrência prejudicial e o perigo de novas divisões;
- em reconhecer que todo o ser humano pode escolher, livremente e em consciência, a sua própria pertença religiosa e eclesial. Ninguém pode ser induzido à conversão, através de pressões morais ou incentivos materiais. Ao mesmo tempo, a ninguém pode ser impedida uma conversão que seja consequência de uma livre escolha.

* Há fichas de trabalho sobre os temas disponíveis no site da 3AEEE (www.eea3.org), ou então seguir o link no site da Pax Christi Portugal.

TEMA 4: EUROPA (CH. OEC. N. 7)

No decurso dos séculos, desenvolveu-se uma Europa caracterizada, no plano religioso e cultural, prevalentemente pelo cristianismo. Entretanto, por causa das falhas dos cristãos, espalhou-se muito mal, na Europa e para além das suas fronteiras. Confessamos a nossa corresponsabilidade em tal culpa, e disso pedimos perdão a Deus e às pessoas.

A nossa fé ajuda-nos a aprender do passado e a empenhar-nos, a fim de que a fé cristã e o amor ao próximo irradiem esperança para a moral e a ética, para a educação e a cultura, para a política e a economia, na Europa e no mundo inteiro.

As Igrejas encorajam uma unidade do continente europeu. Não se pode alcançar a unidade, de forma duradoura, sem valores comuns. Estamos persuadidos de que a herança espiritual do cristianismo representa uma força inspiradora que enriquece a Europa. Com base na nossa fé cristã, empenhamo-nos por uma Europa humana e social, em que se façam valer os direitos humanos e os valores basilares da paz, justiça, da liberdade, da tolerância, da participação e da solidariedade. Insistimos no respeito pela vida, pelo valor do matrimónio e da família, na opção preferencial pelos pobres, na disponibilidade para o perdão e, em todos os casos, na misericórdia.

Enquanto Igrejas e comunidades internacionais, temos de contrariar o perigo de que a Europa evolua para um Ocidente integrado e um Leste desintegrado. Também o desnível Norte-Sul tem de ser levado em consideração. Importa, entretanto, evitar toda a forma de eurocentrismo, e reforçar a responsabilidade da Europa em relação a toda a humanidade, em particular pelos pobres de todo o mundo.

Comprometemo-nos:

- em entendermo-nos quanto aos conteúdos e objectivos da nossa responsabilidade social, e em juntos apoiar o mais possível as exigências e tomadas de posição das Igrejas, face às instituições civis e europeias;
- em defender os valores fundamentais contra todos os ataques;
- em resistir a toda a tentativa de instrumentalização da religião e da Igreja para fins étnicos ou nacionalistas.

TEMA 5: RELIGIÕES (CH. OEC. N. 10 - 12)

10. Aprofundar a comunhão com o judaísmo

Uma especial comunhão nos liga ao povo de Israel, com o qual Deus estabeleceu uma eterna aliança. Sabemos na fé, que as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus “são amados (por Deus) por causa dos Patriarcas, porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis!” (Rm 11, 28-29). Eles possuem “a adopção filiar, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os Patriarcas; deles nasceu Cristo segundo a condição humana” (Rm 9, 4-5).

Deploramos e condenamos todas as manifestações de anti-semitismo, os *pogroms*, as perseguições. Pelo anti-judaísmo cristão pedimos perdão, e às nossas irmãs e aos nossos irmãos judeus o dom da reconciliação. É urgente e necessário tomar consciência, no culto e no ensino, na doutrina e na vida das nossas Igrejas, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, e apoiar a cooperação entre cristãos e judeus.

Comprometemo-nos:

- em contrariar todas as formas de anti-semitismo e anti-judaísmo, na Igreja e na sociedade;
- em procurar e intensificar, a todos os níveis, o diálogo com as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus.

11. Cultivar as relações com o Islão

Desde há séculos, muçulmanos vivem na Europa. Em alguns países eles representam fortes minorias. Por isso tem havido e há muitos contactos positivos, e boas relações de vizinhança entre muçulmanos e cristãos, mas também, por parte de ambos os lados, grosseiras reservas e preconceitos, que remontam a dolorosas experiências vividas no decurso da história e no passado recente.

Queremos intensificar, a todos os níveis, o encontro entre cristãos e muçulmanos, e o diálogo cristiano-islâmico. Recomendamos, em particular, que reflectamos juntos sobre o tema da fé no Deus único, e que se esclareça a compreensão dos direitos humanos.

Comprometemo-nos:

- em ter encontros com os muçulmanos, numa atitude de estima;
- em trabalhar juntamente com os muçulmanos sobre temas de interesse comum.

12. O encontro com outras religiões e visões do mundo

A pluralidade de convicções religiosas, de visões do mundo e de formas de vida tornou-se um traço marcante da cultura europeia. Alastram religiões orientais e novas comunidades religiosas, suscitando também o interesse de muitos cristãos. Além disso, há cada vez mais homens e mulheres que rejeitam a fé cristã, têm com ela uma relação de indiferença, ou seguem outras visões do mundo.

Queremos levar a sério as questões críticas que nos são colocadas, e esforçar-nos por entrar num debate leal. Importa, a propósito, distinguir as comunidades com as quais se deve procurar diálogos e encontros daquelas face às quais, numa óptica cristã, pelo contrário há que acautelar-se.

Comprometemo-nos:

- em reconhecer a liberdade religiosa e de consciência, das pessoas e comunidades, e em fazer que elas, indivi-

dual e comunitariamente, em privado e em público, possam praticar a sua própria religião ou visão do mundo, no respeito do direito vigente;

- em estar abertos ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, em buscar com elas objectivos comuns, e em lhes testemunhar a fé cristã.

TEMA 6: MIGRAÇÕES (CH. OEC. N. 8)

TEMA 8: JUSTIÇA (CH. OEC. N. 8)

TEMA 9: PAZ (CH. OEC. N. 8)

Consideramos como uma riqueza da Europa a multiplicidade de tradições regionais, nacionais, culturais e religiosas. Face aos numerosos conflitos, é dever das Igrejas assumir conjuntamente o serviço da reconciliação também para os povos e as culturas. Sabemos que a paz entre as Igrejas constitui, neste contexto, um pressuposto igualmente importante.

Os nossos esforços comuns dirigem-se à avaliação e resolução dos problemas políticos e sociais, no espírito do Evangelho. Desde o momento em que valorizamos a pessoa e a dignidade de cada um enquanto imagem de Deus, empenhamo-nos pela absoluta igualdade de valor de todo o ser humano.

Enquanto Igrejas, queremos promover juntos o processo de democratização na Europa. Empenhamo-nos por uma ordem pacífica baseada na solução não-violenta dos conflitos. Condenamos, portanto, toda a forma de violência contra os seres humanos, sobretudo contra as mulheres e as crianças.

Reconciliação significa promover a justiça social no interior de um povo e entre todos os povos, e em particular superar o abismo que separa o rico do pobre, como também o desemprego. Queremos contribuir juntos, a fim de que seja concedido um acolhimento humano e dignificante a mulheres e homens migrantes, aos refugiados e a quem procure asilo na Europa.

Comprometemo-nos:

- em contrariar toda a forma de nacionalismo, que conduz à opressão de outros povos e de minorias nacionais, e em procurar uma solução não-violenta dos conflitos;
- em melhorar e reforçar a condição e a paridade de direitos das mulheres em todas as esferas da vida, e em promover a justa comunhão entre mulheres e homens, no seio da Igreja e na sociedade.

TEMA 7: CRIAÇÃO (CH. OEC. N. 9)

Acreditando no amor de Deus criador, reconhecemos com gratidão o dom da criação, o valor e a beleza da natureza. Olhamos, todavia, com apreensão o facto de que os bens da Terra sejam desfrutados sem ter em conta o seu valor intrínseco, sem consideração pela sua escassez nem preocupação pelas gerações futuras.

Queremos empenhar-nos juntos em criar condições sustentáveis de vida para toda a criação. Conscientes da nossa responsabilidade perante Deus, temos de fazer e desenvolver critérios comuns para determinar o que é ilícito no plano ético, mesmo que seja realizável sob o ponto de vista científico e tecnológico. Em todo o caso, a dignidade única de todo o ser humano tem de ter o primado em relação ao que é tecnicamente realizável.

Recomendamos a instituição, por parte das Igrejas europeias, de um dia ecuménico de oração pela salvaguarda da criação.

Comprometemo-nos:

- em desenvolver um estilo de vida em que, em contraste com o domínio da lógica económica e do consumismo reconhecemos valor a uma qualidade de vida responsável e sustentável;
- em apoiar as organizações ambientais das Igrejas e as redes ecuménicas que assumam uma responsabilidade pela salvaguarda da criação.



O ECUMENISMO EM PORTUGAL

Portugal sem paixão ecuménica *

Em entrevista à Agência ECCLESIA [1996], o presidente da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé e Ecumenismo analisa a caminhada realizada em conjunto com as outras confissões cristãs e perspectiva o futuro desse caminho.

Agência Ecclesia – Vamos viver, de 18 a 25 de Janeiro [de 2006], mais uma semana de oração pela Unidade dos Cristãos. O que espera das comunidades cristãs nestes dias?

D. António Marto – O tema escolhido para este ano foi “Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, eu estarei no meio deles” e mostra a convicção de que a comunhão entre os cristãos começa na comunhão entre as pessoas, realizada em pequenas comunidades.

O movimento ecuménico deve passar dos congressos para o povo, das elites para as comunidades, das cúpulas para a base. A unidade começa pela conversão e pelo empenho de cada um, pela capacidade de dar vida a pequenas comunidades reconciliadas no Senhor: a partir delas espera-se a reconciliação das grandes Igrejas, no futuro.

Por tudo isto, gostaria que Semana fosse vivida na perspectiva do amor recíproco entre os cristãos, como um momento de reconciliação e uma ocasião para purificar e reconciliar a memória e as memórias que vêm do passado. Para isso é importante encontrar-se, conhecer-se, dialogar, rezar juntos.

AE – Em Portugal essa relação não tem sido fácil, ao longo da história. A sensibilidade ecuménica começa a nascer?

AM – Está a nascer pouco a pouco. Não vivemos a paixão ecuménica de outros países, onde não há uma maioria clara de fiéis católicos ou protestante e é necessário, portanto, conviver com os problemas ecuménicos no dia-a-dia, nas próprias famílias.

Aqui, como somos uma maioria católica, infelizmente não sentimos ao vivo a paixão pela unidade dos cristãos. Temos vindo, contudo, a fazer caminho, sobretudo nas grandes cidades e nota-se um progresso na sensibilização ecuménica, exactamente através das pequenas comunidades.

A nível nacional há um diálogo regular com o COPIC, que é sempre um momento importante para programar e lançar

iniciativas. Além disso, é hábito organizar um encontro público de reflexão, com a Igreja Católica, o COPIC e a Aliança Evangélica.

AE – No diálogo a esse nível continua pendente um documento sobre o reconhecimento mútuo do Baptismo...

AM – O documento ainda está em fase de gestação e o processo tem sido lento, muitas vezes em virtude de desencontros de agenda. Recentemente, porém, decidimos relançar a sua elaboração.

AE – A aprovação do documento seria um sinal importante?

AM – Na prática já existe o reconhecimento mútuo do Baptismo entre a Igreja Católica e as Igrejas do COPIC, mas é evidente que um reconhecimento oficial tem mais impacto.

AE – Não há o risco da preocupação ecuménica, nas comunidades eclesiais, ficar reduzida a esta Semana?

AM – Eu sei que, em vários lugares, há um intercâmbio entre as comunidades cristãs ao longo do ano, como, por exemplo, no Porto. Agora, o movimento ecuménico depende muito do impulso que tem das Igrejas e, neste momento, estamos numa fase de repensamento, de aprofundamento de problemas que não se colocaram aos impulsionadores do movimento ecuménico.

AE – Uma espécie de marcha-atrás?

AM – Bem, eu recorde-me que no início dos anos 80 a união entre a Igreja Católica e a Igreja Anglicana estava praticamente acertada, com o reconhecimento de um Patriarcado liderado pelo Arcebispo de Cantuária. Entretanto surgiram outros problemas que foram impedindo a união, como a ordenação de mulheres e de bispos homossexuais. Também com as Igrejas Ortodoxas se esperavam avanços, mas com a queda do Muro de Berlim foi criada uma nova situação política e cultural, que acabou por se transformar num obstáculo ao diálogo ecuménico.

Penso que Bento XVI tomou a peito o compromisso ecuménico, está muito bem preparado e deverá desenvolvê-lo, em primeiro lugar, com as Igrejas Ortodoxas, onde existe mais possibilidade de compreensão e de comunhão.

* Copyright © Agência Ecclesia 2006.

Ecumenismo quotidiano na diocese do Porto *

Em termos públicos, “a primeira grande celebração ecuménica registada em Portugal aconteceu na cidade do Porto” durante o episcopado de D. António Ferreira Gomes. Em declarações à Agência ECCLESIA [em 1996], D. Fernando da Luz Soares, bispo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, recorda o “entusiasmo e envolvimento ecuménico – não pessoal mas institucional” - do «bispo do Porto». O seu papel foi fundamental porque o movimento ecuménico “só teve cabimento na medida em que a própria Igreja Católica Romana, e particularmente a diocese do Porto, se envolveu” – disse. O “dinamismo ecuménico” nesta diocese deve-se, essencialmente, a uma circunstância histórica. “Nos finais do II Concílio Ecuménico do Vaticano gerou-se, no Porto, uma relação de diálogo e confiança entre determinadas pessoas que foram entusiasmadas pelos hierarcas das Igrejas”. D. António Ferreira Gomes “criou as condições” para que outras pessoas – Cón. Narciso Rodrigues, D. Januário Torgal Ferreira, D. Carlos Azevedo e leigos – se mostrassem “interessados e foram entusiasmados para este tipo de envolvimento”.

No Porto criou-se “um elan” – decorreu não apenas das celebrações ecuménicas mas que depois se “materializou em pequenos grupos (oração, estudo bíblico)” e a base de um “relacionamento ecuménico”. E acrescenta: “sou do tempo em que a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos era vivida numa verdadeira alegria”. Um caminho onde se vê as confissões religiosas como irmãos e não como rivais. “O esbater do gelo e de uma certa animosidade – era vivida na altura – criou as condições para que as pessoas se comesçassem a olhar umas perante as outras como irmãos” – referiu D. Fernando da Luz Soares.

Neste percurso ecuménico – sublinha este bispo da Igreja Lusitana –, D. Armindo Lopes Coelho – na altura bispo auxiliar do Porto – teve um “papel preponderante”. E recorda: “quando fui sagrado bispo, D. António Ferreira Gomes enviou, em sua representação, D. Armindo Lopes Coelho”. Estes factos demonstravam a “abertura de uns perante os outros” nesta relação. Depois do “grande entusiasmo inicial”, entrou-se na fase “da rotina” mas “com grande reflexo”. Esta é a razão pelo qual, no Porto, se “vive, de modo particular, o ecumenismo” – apurou o prelado da Igreja Lusitana.

Para aprofundar este diálogo foi criada, recentemente, uma comissão ecuménica. “Ela é, de certo modo, o reflexo da primeira comissão ecuménica – presidida pelo falecido Cón. Narciso Rodrigues (representação da Igreja Católica Romana) – que dinamizava um conjunto de acções”. Uns tempos depois, esta comissão alargou-se e, por diversas circunstâncias, “foi perdendo actividade” – lamentou. Nos últimos dois anos pensou-se “reactivar esta comissão de modo a criar as condições para se levar a cabo actos simples mas concretos” – afirmou D. Fernando da Luz Soares. [...]

Uma das actividades que provam este dinamismo ecuménico na diocese do Porto “é o jantar que D. Armindo Lopes Coelho, bispo do Porto, promove, na altura da Festa de Pentecostes, com representantes de outras confissões religiosas”. Actos que demonstram um “ecumenismo quotidiano” e não apenas na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (18 a 25 de Janeiro).

Nesta dinâmica, os jovens também estão envolvidos. “Um dos pontos de referência é o Fórum Ecuménico Jovem”. O Departamento Diocesano da Pastoral Juvenil e os departamentos juvenis das outras igrejas “têm feito um trabalho extraordinário”. No último Natal foram cantar para uma das ruas mais comerciais da cidade do Porto (Rua de Santa Catarina). “Levaram às pessoas outra perspectiva do Natal que não seja apenas do mercantilismo” – esclareceu o bispo da Igreja Lusitana. Em Outubro passado realizou-se também uma peregrinação a Santiago de Compostela “composta por pessoas da Igreja Católica e da Igreja Lusitana”. No próximo dia 21 de Janeiro far-se-á também uma caminhada ecuménica jovem. “Um sinal de relação entre as igrejas”.

Passados 40 anos do encerramento do II Concílio Ecuménico do Vaticano, Cardeal Walter Kasper, Presidente do Conselho Pontifício da Unidade dos Cristãos, sublinhou que “era ocasião favorável para fazer um balanço”. Para D. Fernando da Luz Soares esta caminhada “teve momentos altos e baixos” mas todos os cristãos que se envolveram “saíram mais ricos”. Descobriram a “outra face da sua própria realidade” e “apreenderam a aceitar” – realçou. Hoje, as igrejas “convivem” e “este facto é perfeitamente natural”. E conclui: “estamos a criar no coração das pessoas a aceitação do outro”.

* Copyright © Agência Ecclesia 2006.

Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC) *

25 ANOS DE CAMINHADA ECUMÉNICA (1971-1996)

*Manuel P. Cardoso; Ireneu da S. Cunha;
Nelson P. Horta; José M. Leite*

1. UM CONSELHO ECUMÉNICO EM PORTUGAL

Há quase 50 anos houve conversações entre dirigentes não católico romanos portugueses com vista à criação de uma Federação de Igrejas Evangélicas Portuguesas, mas não foi possível concretizar tal objectivo.

Sentia-se a necessidade da existência em Portugal de um organismo que servisse como elo de ligação das Igrejas portuguesas e que fosse um instrumento de cooperação e companheirismo. Havia já a Aliança Evangélica Portuguesa [AEP], mas essa representava apenas indivíduos que nela estivessem inscritos, e houve, por isso, quem visse na Federação a solução ideal, pensando, muito provavelmente, no exemplo da França, onde a Federação Protestante tem tido uma acção admirável, ou da Itália, com a sua Federação das Igrejas Evangélicas, ou mesmo na Federação das Igrejas da Alemanha.

Mas uma Federação de Igrejas Evangélicas ou Protestantes, pelo seu próprio nome, seria restritiva. Uma igreja que não se identificasse com este ramo de Cristianismo, como é o caso da Igreja Velho Católica, da Igreja Ortodoxa ou mesmo da Igreja Anglicana, para já não falar da Igreja Católica Romana, obviamente não poderia associar-se a um tal organismo. [...]

2. UMA PROPOSTA GENEROSA

O Conselho Português de Igrejas Cristãs, que é costume abreviar com a sigla COPIC, nasceu de uma proposta feita no dia 12 de Maio de 1962 no seio da Comissão Intereclesiástica Portuguesa. Essa Comissão, de resto, era já a prova de que o espírito de cooperação e orientação ecuménica já existia em Portugal, pois ela fora criada por sugestão do presbiteriano Michael P. Testa e juntou, além da Igreja Presbiteriana de Portugal, a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa e a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica. A CIP tinha constantes contactos com o Conselho Mundial de Igrejas e foi, desde a sua fundação em 1956 até ser substituída pelo COPIC, um instrumento importante da acção social das Igrejas que a compunham e um lugar de aprofundamento do espírito de tolerância e abertura que caracteriza o ecumenismo.

Foi, pois, numa reunião da Comissão Intereclesiástica Portuguesa [CIP] que apareceu a proposta de se criar este novo organismo. O proponente foi o Dr. Leopoldo de Figueiredo, médico e musicólogo de grande talento, que na CIP representava, ao lado do seu Bispo, D. Luís Pereira, a Igreja Lusitana. [...]

A proposta do Dr. Leopoldo de Figueiredo foi aprovada por unanimidade pelos restantes membros da Comissão, cujos nomes registamos: Dr. Luís Henrique da Silva e Rev. Alberto Aspey, pela Igreja Evangélica Metodista Portuguesa; Sr. Américo da Silva Baptista, Rev. João Severino Neto e Dr. Michael P. Testa, pela Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, e Drs. Luís Rodrigues Pereira e Leopoldo de Figueiredo, pela Igreja Lusitana.

Depois, nos trabalhos preparativos do novo organismo, vieram a juntar-se outros nomes – Revs. Mário Ferreira Neves (presbiteriano), Ireneu da Silva Cunha, Francisco Abel Lopes e Dr. David de Almeida (metodistas), Drs. Daniel Pina Cabral e David P. Pereira (Igreja Lusitana) e Rev. José Manuel Leite (presbiteriano). No dia 27 de Junho de 1967 a CIP deu por terminada a discussão, nesta fase, dos Estatutos e pediu às Igrejas que os aprovassem nos seus respectivos Sínodos.

3. MARCHA LENTA E CANSATIVA

A data oficial do começo das actividades do COPIC foi o dia 10 de Junho de 1971, feriado nacional em memória do Poeta da gesta nacional.

Um projecto que começara quase três anos depois da proposta do Dr. Leopoldo de Figueiredo (o Centro Ecuménico Reconciliação) acabou por avançar mais rapidamente, e foi já nas instalações deste Centro de Buarcos, Figueira da Foz, que os dignitários da Igreja Metodista, Igreja Lusitana e Igreja Presbiteriana, “acompanhados de pastores e muito povo das três Igrejas”, conta a Acta da Fundação, “procederam (...) à dedicação a Deus do referido Conselho”.

O Rev. Ireneu da Silva Cunha, pastor metodista, tomou posse como Secretário-Geral, cargo que desempenhou até Junho de 1984, quando foi ocupar o cargo de Superintendente-Geral da sua Igreja. A representar o Conselho Mun-

* © Conselho Português de Igrejas Cristãs, Figueira da Foz, Outubro de 1996; © Igreja Evangélica Metodista Portuguesa 2006

dial de Igrejas (CMI) esteve o Rev. Dr. Heinrich Puffert, que foi orador oficial, usando Ezequiel 37, 15-28 como texto da sua homilia. [...]

Em breve se reconhecia que, com a criação do COPIC, a Comissão Intereclesiástica Portuguesa, perdia a sua razão de ser, e esta foi dissolvida em 26 de Março desse mesmo ano de 1971.

Para sede do COPIC foi indicada a morada da igreja-lar Emaús, um programa conjunto da Igreja Metodista e da Igreja Presbiteriana constituído por uma “igreja doméstica” e um lar de estudantes que funcionavam na Rua Henriques Seco, 14, em Coimbra. Esse programa era dirigido pelo Rev. Ireneu Cunha também.

Desde a primeira reunião da sua Direcção se percebe que não faltarão temas para ocuparem aqueles que se empenham na vida do COPIC: organização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; acção junto dos emigrantes portugueses; cooperação com o Conselho Mundial de Igrejas; relações com a Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa; actividade diaconal; assuntos relacionados com Bolsas de Estudo; retiro anual dos pastores das Igrejas-membros; estudo do financiamento das Igrejas e dos seus Projectos Sociais.

As próprias relações das três Igrejas portuguesas com Igrejas e outras organizações cristãs de além fronteiras ganham novo alento graças à existência do COPIC, pois cada Igreja membro passa a enviar mais vezes delegados seus a reuniões internacionais onde as relações se enriquecem.

4. TRÊS IGREJAS-MEMBROS; DOIS OBSERVADORES

Pode lamentar-se que não tenha havido nesses anos da preparação do COPIC um esforço da parte das três Igrejas que o fundaram para tentarem envolver outras neste projecto. Terá havido entre os responsáveis ecuménicos [...] a percepção de que qualquer esforço nesse sentido estaria votado ao malogro. O facto é que, na maioria das outras Igrejas não católicas portuguesas, não pareceria viver-se um clima adequado à promoção do ecumenismo. A adesão ao COPIC de qualquer outra Igreja além das que o fundaram pareceria uma ideia bastante peregrina. O anti-ecumenismo tinha o apoio evidente de um número muito grande dos evangélicos portugueses, no meio dos quais circulavam publicações com a chancela de Carl McIntire, fundador do Conselho Internacional das Igrejas Cristãs, formado em 1948 em oposição ao CMI, também formado nesse ano.

Por iniciativa do Secretário-Geral Ireneu Cunha foi enviada a informação da criação do Conselho à Convenção Baptista Portuguesa, a única entidade evangélica alvo desta atenção, talvez porque muitos pastores do COPIC têm formação e convicções relativamente próximas dos cristãos baptistas.

Contudo, é grato reconhecer-se que não houve manifestações de grande hostilidade da parte da “Comunidade Evangélica” ao aparecimento do COPIC. As velhas relações de

cooperação e amizade entre as Igrejas que fundaram o novo Conselho e as Igrejas que não se identificavam com o ideário ecuménico ajudaram a que fossem mantidas pontes a nível não só pessoal mas até institucional em alguns casos. [...]

A partir de fins de 1975, a Aliança Evangélica Portuguesa começou a remodelar os seus Estatutos, vindos de 1935, para poder também, como o COPIC, receber como membros, além de indivíduos, Igrejas e outras instituições evangélicas; e assim, passou a haver em Portugal duas organizações distintas para representar os não católicos: o COPIC, representando a área que por esses anos era chamada dos “cristãos ecuménicos” e a AEP, representando a área “evangélica”. A cooperação entre as duas organizações dependeu um tanto de circunstâncias fortuitas, mas tem tido alguns períodos bons, como neste momento em que são realizados entre dirigentes da AEP, do COPIC e da Igreja Católica Romana encontros interconfessionais periódicos.

Nem todos os cristãos não católicos, é necessário dizê-lo, se aceitam representados quer pelo COPIC quer pela AEP. [...] Por se oporem ao movimento ecuménico, não pedem a sua adesão ao COPIC, e por outras razões não a pedem à AEP. [...]

Em fins de 1975 a Igreja Evangélica Alemã, de Lisboa, pede para ter o estatuto de “observador” no Conselho, e passa a ser representada nas reuniões pelo então seu pastor, Rev. Georg Laitenberger, que foi, aliás, um cooperador muito interessado da actividade do COPIC enquanto esteve em Portugal. O Exército de Salvação em 1982 é aceite também como “observador” e entre os seus representantes o Major Ernest Hoffer teve uma participação mais acentuada por esses anos.

5. ACTUANDO EM VÁRIAS ÁREAS

Apesar das suas limitações em recursos humanos e financeiros, o COPIC tem desenvolvido uma acção significativa ao longo dos seus 25 anos de existência. [...]

Num desdobrável publicado na década de 80 dizia-se que no COPIC as Igrejas cooperam na realização de certas actividades tais como:

- Consulta mútua
- Um “Programa Nacional” comum
- Um serviço social comum
- Reflexão teológica
- Acção ecuménica [...]

Mesmo informalmente, as Igrejas estão em constante contacto nas reuniões do Colégio da Presidência e da Direcção, em cujas agendas há uma alínea prévia de “partilha de informações”. O Secretário-Geral é, por assim dizer, o “ministro da unidade”, sendo geralmente convidado para participar nos Sínodos e noutros encontros importantes das Igrejas. [...]

Falando de um Serviço Social comum, que na gíria das Igrejas é referido pela palavra grega Diaconia, que quer dizer “serviço prestado a alguém”, não se pode esquecer o que foi a acção do COPIC no período particularmente dramático do regresso dos então chamados retornados do ex-Ultramar. A acção das Igrejas por si próprias teria de ser muito limitada, pois além de orar, acolher e encorajar quem aqui chegava em tão difícil situação, que auxílio material poderiam dar? Pouco, claro, sendo elas Igrejas minoritárias e sendo os seus paroquianos na maioria pessoas de poucos recursos.

O mérito do COPIC e das Igrejas-membros foi chamar a atenção das Igrejas e Conselhos de Igrejas para este drama, pedir a intervenção do Conselho Mundial de Igrejas e da Conferência das Igrejas Europeias e, deste modo, tornar-se o COPIC canal da solidariedade de muitos povos em favor dos retornados.

Dirigentes do COPIC, pastores e leigos das Igrejas-membros, sem qualquer benefício, e sem espírito proselitista, antes servindo retornados católicos ou ateus, protestantes ou muçulmanos, partiram em socorro de indivíduos e famílias, socorro exercido de diversos modos [...].

6. A PAIXÃO DA UNIDADE

A missão mais específica de um Conselho de Igrejas é promover o espírito ecuménico entre cristãos, isto é, trabalhar para que os cristãos e as Igrejas manifestem mais a unidade que já têm em Jesus Cristo. [...]

Tem havido desde o princípio deste Conselho a preocupação de cultivar um “ecumenismo aberto”, que é, na verdade, o único legítimo. Por “ecumenismo aberto” queremos dizer

- Um ecumenismo com católicos romanos, com ortodoxos e com protestantes
- Um ecumenismo com as hierarquias e com as bases
- Um ecumenismo de reflexão e de cooperação no serviço

As Igrejas que hoje estão associadas no COPIC já antes da existência deste organismo tinham relações com outras Igrejas não católicas romanas, e procuraram mantê-las. E foi o COPIC que teve a iniciativa, em carta de 10 de Novembro de 1982, de propor à Aliança Evangélica a realização de reuniões periódicas para cooperação. Em 18 de Fevereiro do ano seguinte fez-se o primeiro encontro em que o COPIC esteve representado por D. Fernando Soares e Revs Albert Aspey, José Salvador e Irene Cunha (este como Secretário-Geral) e a AEP pelo seu Presidente, Pastor Jaime Vieira e pelo Dr. Moisés Gomes. Assistiu também como observador, o Pastor Georg Laittenberg, da Igreja Evangélica Alemã.

Aí foi decidido haver duas reuniões de trabalho anualmente entre representantes de cada organização, e um vasto programa de cooperação, mas tem de se reconhecer que as boas intenções ficaram por aí durante algum tempo. [...] A

exigência [em 1986] da Rádio-Televisão Portuguesa de que, para haver no canal 2, um programa religioso da área protestante, a condição indispensável é que houvesse uma só entidade com que a RTP tratasse, obrigou a AEP e o COPIC a sentarem-se à mesa e criarem a CERET. [...]

Mais tarde surgiu também a possibilidade de haver nas escolas públicas portuguesas uma disciplina evangélica paralela da velha “Moral e Religião Católica”. Alguns responsáveis do COPIC eram contra a existência da “Moral e Religião Católica” e, pelas mesmas razões, consideravam que o COPIC devia opor-se a uma e a outra. Mas por consenso acabou por se aceitar que o Conselho formasse com a AEP uma nova comissão mista para representar os protestantes e evangélicos portugueses naquele assunto, a COMACEP (Comissão para a Acção Educativa Evangélica nas Escolas), que começou a actuar em Janeiro de 1988.

Numa e noutra Comissão tem havido colaboração ao longo dos anos [...].

7. UM PERÍODO DIFÍCIL

O esforço da parte do COPIC por cooperação e unidade com a Igreja Católica Romana tem existido e tem também tido alguns resultados. [...] Foi o caso, por exemplo, da iniciativa tomada pela Direcção do COPIC na sua reunião de 21 de Junho de 1980 onde “foi decidido que o Secretário-Geral escrevesse às autoridades competentes da Igreja Católica com vista à eventual edição conjunta do programa do Oitavário, para evitar o aparecimento de duas edições em Portugal” (Acta).

O Rev. Irene Cunha executou a decisão da direcção e a partir do ano seguinte o texto preparado pelo Conselho Mundial de Igrejas (Genebra) e pela Comissão Pontifícia para a Promoção da Unidade dos Cristãos (Roma), foi traduzido em comum e editado pela primeira vez pela Comissão Episcopal da Doutrina da Fé e pelo Conselho Português de Igrejas Cristãs.

O COPIC, por ter começado a sua actividade em 1971, já não viveu os tempos eufóricos do Vaticano II. Foi no tempo de crise de Paulo VI, com alguma regressão no movimento ecuménico, que deu os primeiros passos. Seguiu-se o brevíssimo pontificado de João Paulo I, e desde então a sua actuação é contemporânea de João Paulo II. É, pois, num período ecuménicamente difícil que o COPIC tem de desempenhar a sua missão. Atitudes consideradas de regressão da parte da Igreja de Roma fazem ressuscitar no seio das Igrejas-membros do COPIC velhos sentimentos de hostilidade, expressa, por exemplo, na falta de apoio à acima referida Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Os dirigentes do COPIC mantêm-se fiéis aos objectivos fundamentais da organização, e persistem nesta e noutras iniciativas que possam aproximar os cristãos. Quando em Outubro de 1985 o “presidium” da Conferência das Igrejas Europeias (KEK) fez a sua reunião anual em Lisboa, um convite foi dirigido ao Presidente da Conferência Episcopal

Portuguesa para um encontro com a delegação da KEK – como, aliás, foi feita também à Aliança Evangélica Portuguesa, à Associação das Igrejas Baptista Portuguesas, à Convenção Baptista Portuguesa, à Igreja Evangélica Luterana Portuguesa, estas para enviarem um delegado ao lugar onde a reunião se fazia (Casa de Retiros da Buraca).

Infelizmente, só foi possível a deslocação da delegação da KEK ao Patriarcado [...].

No Pentecostes de 1989 realizou-se em Basileia, Suíça, uma Assembleia Ecuménica Europeia convocado pela Conferência das Igrejas Europeias e pelo Conselho das Conferências Episcopais da Europa [CCEE], da qual participaram mais de 700 cristãos (católico romanos, ortodoxos e protestantes).

De Portugal houve 21 delegados, dos quais 14 da Igreja Católica Romana e 7 das Igrejas do COPIC. No regresso, a Conferência Episcopal Portuguesa e este Conselho publicaram juntas a versão portuguesa das notáveis conclusões daquela Assembleia, que agora é preciso referir como Primeira Assembleia pois em 1994 foi decidido convocar a Segunda Assembleia Ecuménica Europeia, a que nos referiremos dentro em breve.

8. ENCONTROS ECUMÉNICOS E ENCONTROS INTERCONFESSIONAIS

Foi num outro encontro realizado, também, em comum pela KEK e pelo CCEE que surgiu nova oportunidade de maior cooperação entre a Igreja Católica Romana Portuguesa e as Igrejas-membros do COPIC. Referimo-nos ao V Encontro Ecuménico Europeu, que foi efectuado em Santiago de Compostela, Espanha, de 12 a 18 de Novembro de 1991.

A representar a Conferência Episcopal Portuguesa estava o Bispo de Viseu, D. António Monteiro, um ano antes eleito Presidente da Comissão da Doutrina da Fé (reconduzido em 1993). Ao assumir esse cargo manifestara aos meios de comunicação social o desejo de estreitar relações com as outras Igrejas, mas foi em Santiago de Compostela que D. António Monteiro encontrou dois hierarcas de Igrejas-membros deste Conselho (D. Fernando da Luz Soares, Bispo da Igreja Lusitana, e Rev. Ireneu da S. Cunha, Superintendente-Geral da Igreja Metodista), assim como um pastor presbiteriano que estava então a trabalhar na KEK, em Genebra, Rev. José Manuel Leite, nascendo deste convívio e reflexão de alguns dias a decisão de acrescida colaboração em Portugal.

Desde então, têm sido levados a efeito com bastante regularidade os “Encontros Ecuménicos Nacionais”. Até ao momento em que escrevemos estas linhas, no princípio de 1996, realizaram-se 10 desses encontros, em lugares diferentes, sendo alternadamente a delegação católica ou a delegação das Igrejas do COPIC a organizar e receber o Encontro. [...] Mas se não há realizações espectaculares a registar é incontestável que estes Encontros estão a criar condições que mudarão forçosamente a situação ecuméni-

ca portuguesa. Os assuntos têm sido discutidos entre os representantes das Igrejas com muita seriedade e franqueza e aumentou enormemente o conhecimento mútuo entre as confissões.

O novo clima ecuménico existente em Portugal levou, em Roma e em Genebra, os responsáveis a nível mundial pela Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos a convidar participantes dos nossos Encontros Ecuménicos Nacionais a proporem o tema e produzirem o primeiro esboço do livro para essa Semana ou Oitavário de 1996. O convite foi aceite e a obra foi produzida, sendo o texto definitivo estabelecido numa reunião internacional realizada em Linda-a-Pastora. O Oitavário, celebrado de 18 a 25 de Janeiro de 1996, teve como base essa publicação sobre o tema “Olhem que estou à porta e chamo” (Apocalipse 3.20).

Desde os primeiros Encontros Ecuménicos Nacionais foi manifestado o desejo de que os cristãos representados pela Aliança Evangélica Portuguesa participassem também neles. Esperou-se até que a opinião pública pudesse perceber melhor o que se desejava com esta iniciativa e, em Junho de 1994 decidiu-se tomar a iniciativa de convidar a Aliança Evangélica Portuguesa a fazer-se representar num encontro informal com data a escolher.

Esse encontro deu-se a 18 de Outubro desse ano. A data dessa reunião, que também se realizou em Linda-a-Pastora, num convento de freiras, foi considerada histórica, embora os altos representantes da AEP que dela participassem tivessem o cuidado de requerer que não fosse considerada uma reunião “ecuménica”.

Desde então têm continuado os Encontros Ecuménicos Nacionais, entre representantes da Igreja Católica Romana e representantes do COPIC, e Encontros Interconfessionais da AEP. Até à data foram realizados 5 destes Encontros Interconfessionais, sendo rotativa igualmente a função de cada organização receber e preparar a agenda dos trabalhos, assim como propor o tema da discussão.

O ambiente fraterno e aberto com que um e outro tipo de encontros decorrem permite pensar que está a tornar-se definitivamente do passado o espírito de polémica e competição entre os cristãos portugueses.

No primeiro trimestre de 1996, por decisão comum do Conselho Português de Igrejas Cristãs e da Comissão da Doutrina da Fé foi traduzido em português e editado o opúsculo publicado na Suíça pela Conferência das Igrejas Europeias e pelo Conselho das Conferências Episcopais da Europa para preparação da Segunda Assembleia Ecuménica Europeia, a realizar em Gratz, Áustria, de 23 a 29 de Junho de 1997. O tema desta II Assembleia é “Reconciliação: dom de Deus e Fonte de Vida Nova” e é grato sentirmos que em Portugal com a celebração dos Encontros Ecuménicos Nacionais e dos Encontros Interconfessionais estamos a criar condições para que esta palavra Reconciliação não seja vã entre nós.

EPILOGO

No ano em que perfaz um quarto de século de existência, o Conselho Português de Igrejas Cristãs está a remodelar os seus Estatutos e a sua estrutura com vista a responder melhor aos desafios levantados com o fim do século XX e com a experiência do seu passado.

Os novos Estatutos tomam mais claro aquilo que sempre tem sido a orientação deste Conselho: ele não quer ser um clube fechado de Igrejas que têm uma história de cooperação tão velha como a história dessas mesmas Igrejas, mas deseja antes ser uma organização pronta a receber como membros outras Igrejas que queiram participar de um projecto de cooperação fraterna.

Mais ainda: desde agora, não apenas Igrejas mas também organizações eclesíásticas podem tornar-se membros deste Conselho, o que desde há muito acontece noutros países. [...]

O Conselho Português de Igrejas Cristãs tenciona dar um novo dinamismo à sua acção, e os seus fins passam a ser assim definidos:

- Promover uma maior compreensão e reforçar a cooperação entre as Igrejas nele associadas e em testemunho da unidade visível;
- Habilitar as Igrejas a darem testemunho mais unânime através do estudo e reflexão sobre questões teológicas e outras relevantes para a unidade e missão da Igreja;

- Velar pelo cumprimento dos direitos humanos em geral e do direito de liberdade religiosa em particular, e actuar de forma a que a presença na sociedade portuguesa das Igrejas-membros ou outras que requeiram a intervenção do Conselho não seja prejudicada por qualquer tipo de discriminação;
- Manter relações de fraternidade e cooperação com o Conselho Mundial de Igrejas, com outros Conselhos e organizações nacionais ou estrangeiras, outras Igrejas e entidades que trabalhem para a reconciliação da humanidade na paz e na justiça.

A palavra de Cristo que, mais ainda do que no passado, determinará a acção deste Conselho será esta:

“PAI, QUE ELES ESTEJAM TÃO UNIDOS A NÓS, COMO TU O ESTÁS A MIM E EU A TI. DESTA MANEIRA, O MUNDO HÁ-DE ACREDITAR QUE TU ME ENVIASTE.” (Evangelho de João 17.21)

Só Igrejas vivendo em unidade, na cooperação fraterna, podem dar em Portugal um testemunho vivo e eficaz de Jesus Cristo, o Salvador.



Aliança Evangélica Portuguesa *

A Aliança Evangélica Portuguesa [AEP] é uma associação que congrega e representa a quase totalidade das igrejas evangélicas em Portugal.

Foi organizada em 1921 sob a liderança do seu primeiro presidente, Eduardo Moreira, muito embora o seu estatuto legal só tivesse sido obtido em 1935.

Inicialmente constituída apenas por pastores e outros líderes das Igrejas Evangélicas, os seus grandes objectivos foram a luta pela pureza da Fé e da Doutrina Evangélicas, a luta pela liberdade religiosa e a abolição das discriminações de que os Evangélicos eram vítimas, relativamente à Igreja Católica Romana, que era e ainda é, a confissão dominante.

Ao mesmo tempo a Aliança Evangélica Portuguesa constituiu-se como um ponto de encontro da liderança evangélica para debater e tomar posições sobre aspectos e temas relevantes da Comunidade Evangélica em Portugal nomeadamente as que diziam respeito à liberdade religiosa, tantas vezes ameaçada e comprometida pelos privilégios concedidos pelo Estado à Igreja Católica Romana e a perseguição que esta então move a todos que não professavam a religião oficial. A actuação da AEP neste aspecto ao longo dos anos, tem dado os seus resultados, bem patentes no enquadramento legal que pouco a pouco tem sido alcançado.

No campo da assistência social, teve uma acção destacada na crise dos “retornados” das ex-colónias, quando mobilizou e distribuiu apoios, em géneros e dinheiro, para os que chegavam sem nada.

Em meados dos anos 80 a Aliança Evangélica Portuguesa altera os seus estatutos, cria condições para um maior envolvimento das igrejas no seu organismo de representação, amplia as suas estruturas e dinamiza as suas actividades de âmbito colectivo e nacional.

No início dos anos 90 adquire uma nova dinâmica e intensifica a luta pelo reconhecimento oficial da identidade e dignidade da Comunidade Evangélica Portuguesa, a luta pela abolição das discriminações de que a mesma é vítima em diversas matérias, a luta pela eliminação das barreiras que ainda existem ao normal exercício da actividade das igrejas evangélicas. Luta e conquista o direito de ensinar a Religião

e Moral Evangélicas nas escolas públicas, conquista o acesso à televisão Estatal, no âmbito do serviço público, e prossegue a luta para que o Estado reconheça formalmente a existência da “Confissão Cristã Evangélica” como a maior não católica romana e a AEP como o seu organismo de representação.

Contra “ventos e marés” e grandes resistências culturais e socio-políticas algumas destas lutas foram, parcialmente, bem sucedidas, destacando-se a prolongada luta por uma Lei da Liberdade Religiosa.

A AEP congrega e representa a quase totalidade da comunidade evangélica, com um número de fiéis directamente envolvidos nas igrejas da ordem dos 250.000, exerce a sua influência num universo de 500.000 pessoas, tem cerca de 1.500 locais de culto espalhados por todo o Continente e Ilhas, possui cerca de 900 ministros de culto e outros líderes, conta com cerca de 2.000 quadros superiores, socio-profissionais e empresários, possui 12 escolas de ensino teológico, conta com mais de 63 instituições de acção social, tem 132 turmas a funcionar em 63 escolas públicas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica, tem dois programas televisivos, sendo um bi-semanal, no canal 2 da RTP, “A Luz das Nações” e o outro, “Caminhos”, transmitido ao 3º domingo de cada mês e exerce muitas outras actividades ligadas à promoção da fé cristã evangélica, à salvação dos portugueses e à valorização da vida humana.

A AEP coordena e dinamiza, também, projectos a nível nacional promovidos pelas igrejas e apoia-as, bem como aos seus ministros e outros líderes, em diversos aspectos da sua acção local.

É reconhecida pelo Estado como representante da Comunidade Evangélica Portuguesa e nessa qualidade mantém contactos institucionais regulares com a Igreja Católica Romana.

Está internacionalmente em íntima cooperação com as Alianças Evangélicas dos países da UE, integra a Aliança Evangélica Europeia e, a nível mundial, a Aliança Evangélica Mundial, com sede em Singapura.

* Mais detalhes em *História da Aliança Evangélica Portuguesa*: <http://www.portalevangelico.pt/noticia.asp?id=2528>.
Copyright © Aliança Evangélica Portuguesa.

Igrejas em Portugal *

ALGUNS LINKS DE INTERESSE

Aliança Evangélica Portuguesa

<http://www.portalevangelico.pt>

Exército de Salvação em Portugal

<http://www.exercitodesalvacao.org>

Igreja Evangélica Alemã

<http://www.deutsche-kirche-portugal.net>

Igreja Evangélica Luterana Portuguesa

<http://www.igreja-luterana.web.pt>

Igreja Católica Portuguesa

<http://www.ecclesia.pt>

Igreja Evangélica Metodista Portuguesa

<http://www.igreja-metodista.pt>

Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

<http://www.igreja-presbiteriana.org>

Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica

<http://www.igreja-lusitana.org>

Igreja Ortodoxa Grega (Patriarcado Ecuménico de Constantinopla)

<http://p035454545.planetaclix.pt>

* Mais informações sobre Lugares de Culto das Comunidades linguísticas e rituais em Portugal pode-se encontrar no site da *Obra Católica Portuguesa das Migrações* (OCPM) em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/instituicao/pub/23/noticia.asp?jornalid=23¬iciad=32036>.

Sugestões de Actividades

PARA A SEMANA DA UNIDADE E PARA TODO O ANO

Desde 1967 que se celebra, todos os anos, a “Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos”, entre 18 e 25 de Janeiro. Esta constitui uma ocasião para que todos os cristãos se unam à oração de Jesus (Jo 17,21), de forma a viver a unidade espiritual, que possibilite o respeito e a aceitação mútuas entre todos os que se honram com o nome de cristãos. Por isso queremos convidar-vos a reflectir sobre a importância da unidade dos cristãos (=ecumenismo) tornando-nos parte desta celebração.

1. REFLEXÃO PESSOAL

- Conheces cristãos que não sejam católicos?
- Na tua opinião: Em que é que se parecem aos católicos? Em que é que são diferentes?
- Achas que seria importante que os cristãos estivessem unidos? Porquê?

Escreve as tuas respostas.

2. REFLEXÃO EM GRUPO

Formar grupos de 6 ou 8 pessoas e partilhar as respostas e reflexões feitas no trabalho individual. Terminada a partilha ler os textos seguintes:

“Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17,21)

“No entanto, justificados no Baptismo pela fé, são incorporados a Cristo, e, por isso, com direito se honram com o nome de cristãos e justamente são reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor”. (Decreto sobre o ecumenismo do Concílio Vaticano II nº 3, ao referir-se aos irmãos ortodoxos e evangélicos).

Comparar as opiniões de cada um com os textos lidos e, em conjunto, inventar um slogan que promova a unidade dos cristãos.

Partilhar o resultado dos trabalhos de grupo em plenário. Havendo condições, poderão ser seleccionados alguns dos slogans para colocar em locais visíveis na paróquia, na escola, ou em qualquer outro local público.

3. ORAÇÃO

Antes de terminar a actividade e tendo presentes todas as divisões que muitas vezes temos com a família, os colegas, os amigos, etc., como símbolo e desejo de trabalhar pelo

respeito e pela unidade de todos tal como Jesus ensinou, rezar o Pai Nosso de mãos dadas.

4. SUGESTÕES PARA CONTINUAR ESTA REFLEXÃO

Pode-se pedir aos grupos que continuem a trabalhar sobre o tema do ecumenismo, sugerindo-lhes que, tendo como base outros materiais que possam conseguir, reflectam sobre:

- Critérios para se poder dizer que uma pessoa é “cristã”?
- Quando podemos afirmar que uma pessoa ou grupo não é cristã(o)?
- Qual a diferença entre *unidade* e *uniformidade*?
- O que implica conseguir a Unidade dos Cristãos: quem tem que renunciar a quê? Como se poderá conseguir a *unidade na diversidade*?

Se possível convidar membros de outras Igrejas para que apresentem a sua Igreja e falem sobre a importância da unidade.

Terminar a actividade preparando uma celebração ecuménica, com a participação de diversas Igrejas cristãs, ou organizando visitas a templos de diferentes Igrejas cristãs.

5. OUTRAS SUGESTÕES PARA VIVER O ECUMENISMO

- Organizar uma vigília de oração e de jejum, em sinal de solidariedade com os que sofrem pelo mundo fora. Uma procissão, marcando a solidariedade com uma causa especial poderá fazer parte da vigília.
- Realizar acções comuns com uma igreja vizinha, que tentem responder a necessidades particulares da comunidade local, ou angariar fundos para um projecto local comum.
- Organizar sessões de estudo em conjunto sobre os temas da *3ª Assembleia Ecuménica Europeia*, a realizar na Roménia em Setembro deste ano (www.eea3.org).
- Promover uma celebração ecuménica da *Festa da Criação* (um dia entre 1 de Setembro e o 2º Domingo de Outubro): para rezar e reflectir sobre a nossa responsabilidade com a criação.
- Localmente, criar grupos ecuménicos de oração, de estudos bíblicos ou de trabalho em conjunto durante o ano.

PAX CHRISTI

Um Movimento Católico Internacional ao Serviço da Paz

A Pax Christi é um Movimento Católico Internacional para a Paz, fundado em França em 1945 com o objectivo de encorajar a reconciliação e a paz no seio das nações feridas pela II Guerra Mundial. Com 95 organizações membro activas em todo o mundo, a Pax Christi trabalha, com todos os homens e mulheres de boa vontade, pela paz entre todos, testemunhando sempre a paz de Cristo. Através da oração, do estudo e da acção, a Pax Christi quer contribuir para “edificar um mundo verdadeiramente mais humano para todos” (*Gaudium et Spes 77*) e em todos os lugares, promovendo uma cultura de paz baseada na justiça, na reconciliação, no desenvolvimento e no respeito pela vida e pelos direitos de cada ser humano.

A Pax Christi tem estatuto consultivo nas Nações Unidas, na UNESCO e no Conselho da Europa. Em 1983 recebeu o Prémio Educação para a Paz da UNESCO e em 1987 o Prémio Mensageiro da Paz das Nações Unidas.



Pax Christi – Secção Portuguesa

Presidente

D. Januário Torgal Ferreira

Vice-presidente

Maria Margarida Saco

Secretário Geral

Manuel Quintãos

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel.: 213 86 51 39

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt>